

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – ARTES VISUAIS

DORA LORENSETTI DUTRA

AFETO

Uberlândia - MG

2019

DORA LORENSETTI DUTRA

AFETO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Área de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno.

Uberlândia – MG

2019

DORA LORENSETTI DUTRA

AFETO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Área de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Data de aprovação: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

Prof. Dra. Clarissa Monteiro Borges

Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão

Uberlândia – MG

2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o Professor Doutor Paulo Roberto de Lima Bueno, também grande amigo que me orienta nas lições da vida. Este trabalho não teria sido possível sem seu estímulo e apoio.

A todos os professores do curso de Artes Visuais, que me proporcionaram conhecimento e crescimento como aluna e como pessoa durante minha jornada acadêmica.

À Mariana Cortes, aluna graduanda, que me ouviu e compartilhou as experiências proporcionadas pelo trabalho de conclusão de curso, também apoio emocional durante as etapas deste projeto.

Ao Heron Dias Nogueira, graduado em Artes Visuais, que gentilmente se dispôs a ajudar-me na montagem da exposição deste trabalho.

A todos os amigos, participantes direta ou indiretamente de minha formação.

À minha família, que me estimulou a buscar conhecimento e fazer meu melhor sempre.

E especialmente à minha avó, Ana Ferreira dos Santos Dutra, que faleceu dia 1º de dezembro de 2018. A vulnerabilidade que senti, ao acompanhá-la partindo ao longo de todo o ano de 2018, foi o estopim para que esse trabalho se tornasse o que é hoje.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1: Guaxinim Universitário	12
IMAGEM 2: Guaxinim Universitário	13
IMAGEM 3: Guaxinim Universitário	14
IMAGEM 4: Guaxinim Universitário	15
IMAGEM 5: Espelhos	16
IMAGEM 6: Visão Cega	19
IMAGEM 7: Visão Cega	20
IMAGEM 8: Visão Cega	20
IMAGEM 9: Visão Cega	21
IMAGEM 10: Visão Cega	22
IMAGEM 11: Silicone Blues	24
IMAGEM 12: Encontro	25
IMAGEM 13: As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?.....	26
IMAGEM 14: As Vantagens de ser uma artista mulher:	27
IMAGEM 15: Guerrilla Girls' definition of a hypocrite.....	28
IMAGEM 16: If you're raped, you might as well "relax and enjoy it" because no one will believe you.	29
IMAGEM 17: Imponderabilia – Imagem retirada da entrevista 'Marina Abramovic & Ulay Interview: A Living Door of the Museum' do canal Louisiana Channel.....	31
IMAGEM 18: Ritmo 0 – Imagem retirada do vídeo institucional 'Rhythm 0' de Marina Abramovic Institute – MAI	32
IMAGEM 19: Ritmo 0 – Imagem retirada do vídeo institucional 'Rhythm 0' de Marina Abramovic Institute – MAI	32
IMAGEM 20: Estudo	34
IMAGEM 21: Estudo	35
IMAGEM 22: Estudo	36
IMAGEM 23: Estudo	37
IMAGEM 24: Estudo	40
IMAGEM 25: Estudo	41
IMAGEM 26: Estudo	41
IMAGEM 27: Estudo	42
IMAGEM 28: Estudo	43
IMAGEM 29: Estudo	44

IMAGEM 30: Estudo	45
IMAGEM 31: Estudo	46
IMAGEM 32: Estudo	46
IMAGEM 33: Recorte da figura observada pelo orientador	47
IMAGEM 34: Estudo	48
IMAGEM 35: Estudo	49
IMAGEM 36: Estudo	50
IMAGEM 37: Estudo	50
IMAGEM 38: Estudo	51
IMAGEM 39: Estudo	51
IMAGEM 40: Estudo	52
IMAGEM 41: Estudo	52
IMAGEM 42: Estudo	53
IMAGEM 43: Estudo	53
IMAGEM 44: Estudo	54
IMAGEM 45: Estudo	54
IMAGEM 46: Estudo	55
IMAGEM 47: Estudo	55
IMAGEM 48: Estudo	56
IMAGEM 49: Estudo	56
IMAGEM 50: Estudo	57
IMAGEM 51: Estudo	58
IMAGEM 52: Estudo	59
IMAGEM 53: Estudo	59
IMAGEM 54: Estudo	61
IMAGEM 55: Estudo	62
IMAGEM 56: Estudo	63
IMAGEM 57: Estudo	63
IMAGEM 58: Estudo	64
IMAGEM 59: Estudo	64
IMAGEM 60: Estudo	65
IMAGEM 61: Estudo	65
IMAGEM 62: Estudo	66
IMAGEM 63: Estudo	66
IMAGEM 64: Estudo	67

IMAGEM 65: Estudo	67
IMAGEM 66: Estudo	68
IMAGEM 67: Estudo	68
IMAGEM 68: Estudo	69
IMAGEM 69: Estudo	69
IMAGEM 70: Produção Final	71
IMAGEM 71: Produção Final	72
IMAGEM 72: Produção Final	73
IMAGEM 73: Produção Final	74
IMAGEM 74: Produção Final	75
IMAGEM 75: Produção Final	76
IMAGEM 76: Produção Final	77
IMAGEM 77: Produção Final	78
IMAGEM 78: Exposição	81
IMAGEM 79: Exposição (A autora junto ao orientador)	82
IMAGEM 80: Exposição	82
IMAGEM 81: Exposição	83
IMAGEM 82: Exposição	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
TRABALHOS DURANTE O CURSO	11
Guaxinim Universitário - 2014	11
Espelhos - 2015	16
Visão Cega - 2017	18
RELAÇÃO ENTRE OS TRÊS TRABALHOS	23
ARTISTAS QUE TENHO ALIANÇA	24
Laerte Coutinho.....	24
Guerrilla Girls	26
Marina Abramovic	30
METODOLOGIA	34
Sobre as primeiras imagens.....	34
Sobre as segundas imagens.....	42
Sobre as terceiras imagens.....	60
O NOME “AFETO”	79
EXPOSIÇÃO	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

A partir do método citado em "Pensamento, corpo, devir: Uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico" de Suely Rolnik, onde uma produção é feita por meio de uma marca no presente, deixada por uma memória; eu, com auxílio de meu orientador, busquei as memórias que me afetam no presente e deixam essas marcas, possibilitando criar este memorial e esta produção para o TCC.

[...] o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo [...] (ROLNIK, 1993, p. 2)

Então, durante o TCC 1, fui trazendo, de forma escrita e oral, para minhas orientações, todas as memórias que ainda deixam marcas em mim no presente para analisarmos quais delas me afetam mais e que têm maior significado para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A partir do reconhecimento de que existem memórias que me deixam marcas, ainda no presente, percebi quais delas me afetam mais e induzem ao início de uma produção artística.

Nesse período do processo precisei identificar qual técnica melhor me auxiliaria na expressividade da relação com essas memórias de forma estética. Tenho me familiarizado com a aquarela e com o desenho utilizando a caneta esferográfica, por isso meus rascunhos e tentativas são com a aquarela ou a esferográfica ou o misto de ambas. Boa parte dos rascunhos foi feita com a caneta esferográfica, principalmente devido ao transporte nas saídas no meu dia-a-dia, levando uma folha sulfite dobrada no bolso junto à caneta esferográfica. Assim, as imagens e soluções estéticas surgiram nas minhas composições enquanto esperava na lanchonete, por exemplo.

Ao chegar em casa melhorava os detalhes nos elementos principais usando ora aquarela ora a própria esferográfica. Ao longo do tempo, durante a evolução deste TCC, houve essa indecisão entre as duas técnicas, porém, mesmo quando tentava elaborar melhor com a caneta, sempre havia a dúvida

de a finalização seria melhor aplicada com a aquarela. Acabei optando por esta última técnica para finalização do trabalho.

Outra decisão foi quanto ao tamanho do suporte. De início usava o tamanho A6, a maioria na horizontal e, ao longo do tempo, o formato foi aumentando para A5. O trabalho final, com melhor apresentação, foi definido no tamanho A4, sentido horizontal.

Dentre essas marcas vieram memórias de bullying, sofridos quando mais jovem na escola. Situações de maus-tratos e abandono que vi serem aplicada aos animais, a minha insegurança com relação à questão política atual. Mas, as memórias que mais se destacavam, se faziam presente e se repetiam, eram as variadas situações que tinha que lidar com relação à minha presença dentro de um banheiro público feminino.

Quando eu entro nesse tipo de banheiro, por conta do meu corte de cabelo curto e das minhas roupas culturalmente consideradas masculinas, muitas pessoas se sentem desconfortáveis e esboçam as mais variadas reações. Desde uma encarada até chamar os seguranças para me expulsar do local.

Da mesma forma que minha aparência afeta essas pessoas, a reação dessas pessoas, por mais discreta que seja, também me afeta, e cria essa sensação de vulnerabilidade que uso como guia para meu trabalho, como também as memórias do passado que deixam uma marca no presente e que, durante a produção desse trabalho de conclusão de curso, continuou criando memórias que deixam marcas no meu presente de forma a aumentar as possibilidades de produções com relação a esse tema.

Então, para a produção estética desse conteúdo, foi criada uma figura, que é colocada nos mesmos lugares e situações que vivenciei nesses banheiros femininos públicos, mas que não é especificamente a representação só da minha pessoa, mas de tantas outras como eu que se encontram fora da estética de definição binária padrão.

TRABALHOS DURANTE O CURSO

GUAXINIM UNIVERSITÁRIO - 2014

Guaxinim Universitário é o título de uma série de fotografias realizadas no primeiro semestre, na disciplina de fotografia, utilizando-se a mistura entre fotografia analógica em preto e branco e a técnica do fotograma.

“Fotograma: [...] fotografia sem câmara obtida por cópia contato de objetos colocados diretamente sobre o papel fotográfico.” (LEITE, 2006).

Nessa série, a figura denominada por mim de Guaxinim Universitário, que é como eu enxergava a minha presença através dessa figura, seguindo algumas das definições do cão guaxinim/tanuki do folclore japonês, foi inserida nas fotografias de vários locais da Universidade Federal de Uberlândia para abordar diferentes aspectos do meu cotidiano e também de outros alunos em relação à própria universidade.

O tanuki (cão guaxinim) é um canídeo, frequentemente confundido com o guaxinim (um procionídeo, como os quatis e os juparás) ou o texugo (um mustelídeo, como as doninhas e os furões). No folclore japonês, ele é um transmorfo como a raposa. É capaz de assumir a forma humana e também a de objetos ou de outros animais. Dócil, gosta de pregar peças inofensivas. (FERREIRA, 2014, p. 73)

Foi a primeira vez que criei um uma figura em um trabalho do curso de artes para problematizar uma etapa da minha vida. O intuito era usar as experiências que estava vivendo naquele momento sem usar minha identidade para que, por mais que fossem experiências pessoais, também pudessem ser experiências de um grupo geral, os estudantes de artes da UFU. Mesmo falando sobre mim, é possível que outros estudante de arte pudesse se ver refletidos naquele trabalho.

O guaxinim foi colocado no meu lugar, vivendo o meu cotidiano. Aparecendo na fila do restaurante universitário, no banheiro, criando um objeto tridimensional e lendo o livro “História da Arte” do autor Ernst Gombrich, que, no primeiro ano de faculdade, é essencial.

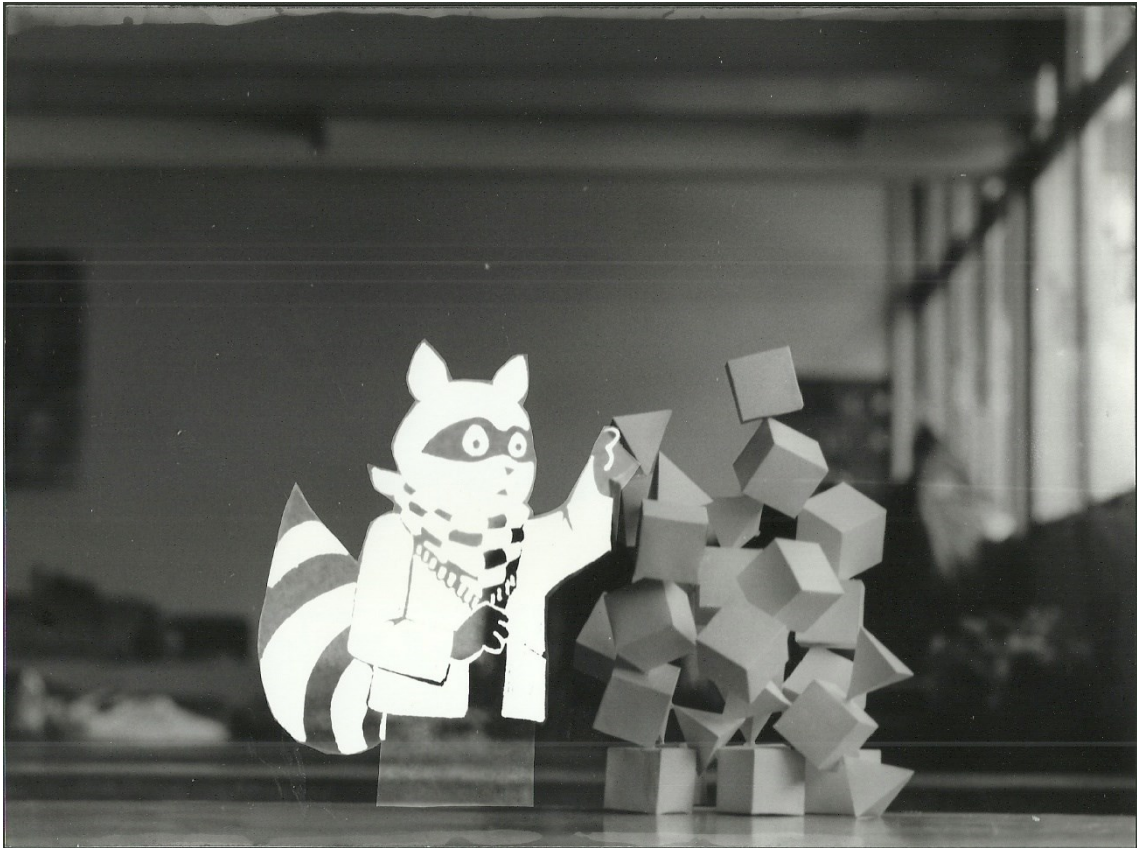
Imagem 1: Guaxinim Universitário



Fonte: A autora.

Nessa imagem vemos o guaxinim lendo o livro "A História da Arte". A obra de Gombrich é requerimento básico de estudo dos alunos do primeiro período, sendo essa a síntese do estudo teórico do primeiro ano da faculdade de artes visuais.

Imagem 2: Guaxinim Universitário



Fonte: A autora.

Nessa imagem o guaxinim monta uma forma tridimensional usando cubos e pirâmides. No caso, meu trabalho final na aula de “Estudos Tridimensionais” para mostrar uma atividade prática do primeiro período em Artes Visuais.

Imagem 3: Guaxinim Universitário



Fonte: A autora.

Nessa imagem faço uma brincadeira onde é possível ver tanto partes do guaxinim quanto partes minhas na foto original, apresentando uma fusão entre a figura do guaxinim e a minha refletidas no espelho como a mesma pessoa.

Imagem 4: Guaxinim Universitário



Fonte: A autora.

Aqui o guaxinim aguarda na fila do restaurante universitário. A cena pretende mostrar um pouco mais do cotidiano do universitário além dos estudos da faculdade.

ESPELHOS – 2015

Espelhos é um tríptico que produzi na disciplina de pintura no segundo semestre de 2015 utilizando tinta acrílica em MDF.

As três partes desse trabalho apresentam dualidades entre estilos de se vestir. Entendida por mim na época como uma abordagem de oposição entre roupas femininas e masculinas. Atualmente entendo que o assunto pertence a um discurso de gênero.

Imagem 5: Espelhos



Fonte: A autora.

A parte superior apresenta um dos rostos usando maquiagem. A imagem central apresenta um corpo com roupas culturalmente qualificadas como femininas e outro como masculinas. Na parte inferior apresenta pares de pés usando sapatos culturalmente femininos e outros masculinos. Nesse trabalho são abordados os limites, hoje muito mais diluídos, entre o masculino e o feminino, representando essa borda, hoje já não tão clara, entre o estilo de se vestir.

Minha mudança de estilo não me afasta do meu lado feminino. A mudança me aproxima da pessoa que eu sou e do discurso que questiona o que é a representação estética de gênero.

A VISÃO CEGA – 2017

É um trabalho da matéria de “Interfaces da Arte” onde, no meu caso, se propunha uma interface entre a arte e a culinária. O trabalho, composto de uma forma aparentando fezes, mas feita com o doce “brigadeiro”, onde a questão foi observar se o espectador ousaria experimentar o trabalho pelo paladar, comendo o doce, mesmo tendo o formato visual de fezes, ou se ele se recusaria a tal atitude, mesmo sabendo qual a origem. Aqui há a proposta da confusão estética, onde a representação de um símbolo, considerado ruim, acaba impedindo a experimentação do conteúdo real que tem uma simbologia boa.

A imagem era de fezes humanas e havia moscas de chocolate com asas de maçã, mas reconhecia-se o aroma de brigadeiro. Acompanhavam-se colheres para aqueles que quisessem degustar.

Há uma relação possível entre o trabalho “Espelhos” e “Visão Cega”, que tem um viés nas coisas que não são o que aparentam. O trabalho “Visão Cega” tem duas leituras, ou a visão cega não vê o que está diante dela e só projetará o que se imagina, ou terá este impasse de comer ou não. Na minha vivência, como estudante de artes, enxergo que, mesmo o trabalho não sendo sobre estilo de se vestir ou sobre discurso de gênero, está incluído também nele o ser analisado como realmente é, e não só uma curiosidade sobre como o sentido da visão pode mudar sua percepção do que é bom ou ruim.

“Visão Cega”, de certa forma, tem relação também com “Espelhos”, abordando que aquilo que se vê e despreza pode realmente não ser o que parece ser. O sentido pode mudar a percepção do que é bom ou ruim. Por meio da avaliação do trabalho “Espelhos” percebi que “A Visão Cega” é um trabalho muito mais relacionado à minha indignação com relação as pessoas serem julgadas por seus rótulos ou seus estilos, ao invés de serem analisadas como realmente são, do que apenas uma curiosidade sobre como o sentido da visão pode mudar sua percepção do que é bom ou ruim.

Imagem 6: Visão Cega



Fonte: A autora.

Imagem 7: Visão Cega



Fonte: A autora.

Imagem 8: Visão Cega



Fonte: A autora.

Imagem 9: Visão Cega



Fonte: A autora.

Imagem 10: Visão Cega



Fonte: A autora.

RELAÇÃO ENTRE OS TRÊS TRABALHOS

Guaxinim Universitário - Espelhos - Visão Cega

O que eu enxergo hoje em comum nesses três trabalhos?

A imagem se torna um símbolo que significa um estereótipo. A imagem de um guaxinim antropomorfo não é só um guaxinim antropomorfo quando ele tem ações de um aluno de artes visuais da UFU. A imagem de uma mulher não é só necessariamente uma mulher. A imagem de um estilo de vestimenta masculino não é só necessariamente um homem quando o gênero não é confirmado. A imagem de fezes humanas não é só fezes humanas quando ela é feita de brigadeiro. O símbolo mostra o que a coisa pode ser, mas não o que ela significa.

Para entender o que pode ser a coisa é necessário se deter por algum tempo diante do trabalho, permitir que alguma conexão entre o espectador e o trabalho aconteça para além dos seus estereótipos visuais. Permitir passar um pouco mais de tempo contemplando para perceber que aquilo que realmente existe no trabalho não necessariamente é aquilo que você pensa que viu.

Tanto em “Espelhos” quanto em “Visão Cega”, ao se deter diante deles, é possível ou não ultrapassar o limite do que você pensa que viu. É importante se deter para ir além da imagem imediata de um estereótipo de gênero, ou de possíveis fezes humana.

ARTISTAS QUE TENHO ALIANÇA

Laerte Coutinho

Laerte Coutinho (São Paulo, SP, 1951). Cartunista, ilustradora e roteirista. Ingressa no curso de jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em 1969. No ano seguinte, inicia a graduação em música na mesma instituição.

Em 1993, cria o personagem Hugo Baracchini, seu alter ego, como integrante dos *Piratas do Tietê* que, três anos mais tarde, estreia individualmente no caderno de Informática da *Folha de S.Paulo*.

Em 2004, inicia um processo de reflexão sobre sua identidade de gênero, que transforma profundamente sua produção, tornando-a mais engajada em questões de direitos humanos, gênero e sexualidade. Em 2009, assume sua transgeneridade e vincula-se a movimentos dedicados ao debate sobre o tema. Em 2012, junto com a advogada Márcia Rocha, a atriz Maitê Schneider e a psicanalista Leticia Lanz, funda a Associação Brasileira de Transgêneros (Abrat). (LAERTE, 2019).

Com relação a esse entendimento da minha vulnerabilidade e como transformar isso em uma produção, a cartunista Laerte foi alguém que tomei como base para esse trabalho. Um dos assuntos que ela aborda, por meio de suas “tirinhas”, é o entendimento da sociedade e da própria Laerte com relação ao discurso de gênero. O modo como ela trabalha esse tema serviu de referência para abordar meu trabalho de conclusão de curso.

Imagem 11: Silicone Blues



Fonte: http://murieltotal.zip.net/arch2009-03-01_2009-03-07.html

Imagem 12: Encontro



Fonte: http://murieltotal.zip.net/arch2014-07-13_2014-07-19.html

Guerrilla Girls

As Guerrilla Girls são artistas ativistas feministas. Vestem máscara de gorila em público e usam fatos, humor e visuais extravagantes para expor viés étnico e de gênero assim como corrupção na política, arte, filme e cultura pop. (GUERRILLA GIRLS. 2019)

Assim como o trabalho das “Guerrilla Girls”, vejo meu trabalho como constatação desse tratamento diferenciado, que às vezes é quase imperceptível e, por vezes, vem à tona nas mulheres que tem que encarar uma existência de fronteira como a citada por mim. Além da denúncia, busco a reflexão de como essa existência, que não pode ser categorizada binariamente, afeta essas mulheres, a ponto de precisarem manifestar uma reação, que pode ser desde uma agressão física de fato, a um simples olhar incisivo que tenta ser discreto.

Imagem 13:

As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?



Fonte: <https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/59966fb6e45a7c0e1e6ceddd/5a5e418f53450a361de9441a/1539118921720/2017GuerrillaGirls-NakedMASP-Portuguese.jpg>

Imagem 14: As Vantagens de ser uma artista mulher:

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso

Não ter que participar de exposições com homens

Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer

Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos

Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina

Não ficar presa à segurança de um cargo de professor

Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros

Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade

Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos

Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova

Ser incluída em versões revistas da história da arte

Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio

Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DAS **GUERRILLA GIRLS** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

Fonte: <https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/59966fb6e45a7c0e1e6ceddd/5a5e4fa79140b79e6fd4fb0c/1539118921715/2017GuerrillaGirls-Advantages-PortugueseMASP.jpg>

Imagem 15: Guerrilla Girls' definition of a hypocrite.

GUERRILLA GIRLS' DEFINITION OF A HYPOCRITE.

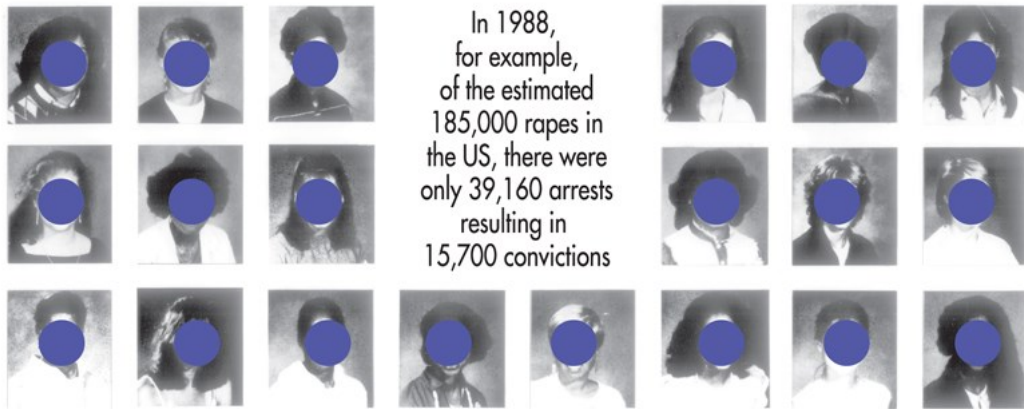
(hip' o-crit) An art collector who buys white male art at benefits for liberal causes, but never buys art by women or artists of color.

Box 1056 Cooper Sta., NY, NY 10276 **GUERRILLA GIRLS** CONSCIENCE OF THE ART WORLD

Fonte: [https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/56df6a5e1bbee066a44895df/5aebace888251b1f839808d2/1525408220269/Guerilla Girls_30_1990Hypocrite.jpg](https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/56df6a5e1bbee066a44895df/5aebace888251b1f839808d2/1525408220269/Guerilla+Girls_30_1990Hypocrite.jpg)

Imagem 16: If you're raped, you might as well "relax and enjoy it" because no one will believe you.

If you're raped, you might as well "relax and enjoy it" because no one will believe you.



*Source Book of Criminal Justice Statistics, 1990, U.S. Dept of Justice

A PUBLIC SERVICE MESSAGE FROM **GUERRILLA GIRLS** CONSCIENCE OF THE ART WORLD

Fonte: <https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/570bf5c840261d848e927b92/570bf63086db43167fa0bf72/1526507507365/1992GuerrillaGirls-IfYoureRaped.jpg>

Marina Abramovic

Marina Abramovic é uma artista de performance sérvia que mora em Nova Iorque e iniciou sua carreira no início dos anos 1970. Ativo por quatro décadas, o trabalho dela explora a relação entre o performer e o público, os limites do corpo, e as possibilidades da mente. (MAI – Marina Abramovic Institute, 2019).

Imponderabilia -1977

Na entrevista “Marina Abramovic & Ulay Interview: A Living Door of the Museum” (2017) explica-se que “Imponderabilia” é uma performance onde Marina e Ulay, se encarando, flanqueiam nus a porta principal do Museum of the Galleria d'Arte Moderna Bologna.

O público tem que passar de lado entre eles para entrar. Cada um que passa tem que escolher qual dos dois encarar.

[...]sempre que as pessoas decidiam passar elas tinham que se virar para ela ou para mim, para o masculino ou para o feminino, e esse, é claro, o jogo chamado “Imponderabilia”, que em um instante de segundo você tem que fazer uma decisão, e você faz a decisão antes de entender o porquê. (Informação verbal)¹

¹ Explica Ulay na entrevista “Marina Abramovic & Ulay Interview: A Living Door of the Museum” (2017) para Louisiana Channel.

Imagem 17: Imponderabilia – Imagem retirada da entrevista ‘Marina Abramovic & Ulay Interview: A Living Door of the Museum’ do canal Louisiana Channel.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jn7m0bbk-oQ>

Existe uma questão em “Imponderabilia” que se alia ao meu trabalho: a decisão feita sem compreensão. A situação da minha entrada no banheiro feminino para as pessoas que estão no local é tão inusitadas para as mesmas, e sem tempo para pensar no que está acontecendo, que elas reagem sem a compreensão do porquê da decisão que estão tomando.

Rhythm 0 – 1974 (Ritmo 0)

Marina colocou 72 objetos para o público com as instruções: Eu sou um objeto, você pode fazer o que quiser comigo e tomarei toda a responsabilidade por seis horas.

[...] havia também uma pistola com uma bala. Então basicamente toda a audiência queria colocar a bala na pistola para poder me matar [...] depois de seis horas [...] eu comecei a mover, eu comecei a ser eu mesma, porque eu estava lá como um fantoche só pra eles, e naquele momento todo mundo fugiu, as pessoas não podiam realmente confrontar comigo como pessoa. (Informação verbal)²

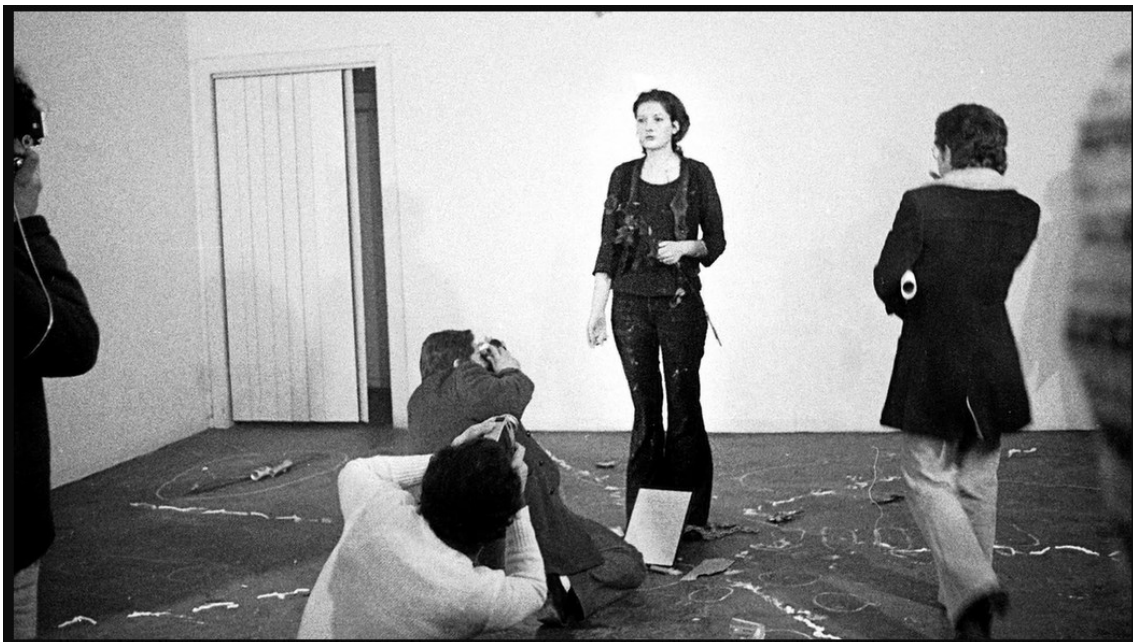
² Conta Marina Abramovic no vídeo “Ritmo 0” para o MAI – Marina Abramovic Institute.

Imagem 18: Rhythm 0 – Imagem retirada do vídeo institucional ‘Rhythm 0’ de Marina Abramovic Institute – MAI.



Fonte: <https://mai.art/about-mai>

Imagem 19: Rhythm 0 – Imagem retirada do vídeo institucional ‘Rhythm 0’ de Marina Abramovic Institute - MAI



Fonte: <https://mai.art/about-mai>

O trabalho da Marina instiga os limites do corpo humano e os limites sociais. Quando ela permite que as barreiras das regras éticas/morais sejam atravessadas fica claro até que ponto vai a conduta humana.

Com relação a “Rhythm 0”, a reação das pessoas se torna curiosa para mim, pois, no meu caso, principalmente na época em que estudava no fundamental, foi exatamente quando concordei em ser o fantoche de minhas agressoras que elas pararam de me atacar. Antes, quando era agredida, tentava confrontar as agressoras de seus atos e, através de discussões, convencê-las a parar com suas atitudes. Depois, porém, devido ao agravamento da situação, passei a desistir de confrontá-las, simplesmente aceitando a “punição” e dizendo a elas que estava muito grata pela forma como me tratavam e pelos apelidos ofensivos que colocavam em mim. Talvez o que tem o poder de parar a atitude do agressor seja a mudança de comportamento “padrão” – comportamento que o agressor considera padrão – do agredido, e não qual atitude do comportamento em si.

E quando eu existo como pessoa na forma não definida que sou, parece que a leitura social vem atestar a minha responsabilidade pela transgressão das regras éticas/morais das pessoas para com a minha existência. Ao inserir estas conclusões no contexto do meu trabalho busco trazer a importância da reflexão sobre essas marcas e a possibilidade da análise dessa vulnerabilidade.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, a partir dos referenciais teóricos, acredito que o processo de criação é a metodologia do trabalho, devido à ausência de uma questão à priori, a questão e a produção vão se configurando juntas.

[...] em filosofia e também em alhures, trata-se bem mais de encontrar o problema e, por conseguinte, de formulá-lo, que de resolvê-lo. Pois um problema especulativo está resolvido a partir do momento em que está bem formulado. Quero dizer com isso que a solução existe imediatamente, embora possa permanecer escondida e, por assim dizer, coberta: resta apenas descobri-la. Formular o problema, porém, não é simplesmente descobrir, é inventar. A descoberta incide sobre o que já existe, atual ou virtualmente; portanto, era certo que aparecesse cedo ou tarde. A invenção dá o ser ao que não era, poderia não ter ocorrido nunca. (BERGSON, 2006, p.20).

Sobre As Primeiras Imagens

Utilizei a lista de memórias que me deixam vulnerável para iniciar a produção dessas imagens. A princípio, usei somente aquarela para retratar uma das memórias que tenho sobre o bullying que aconteceu comigo, de forma a compor a cena em terceira pessoa, e illustrei as figuras com suas características físicas humanas reais.

Imagem 20: Estudo



Fonte: A autora.

Por mais que o resultado me agradasse, por algum motivo que era desconhecido para mim, a imagem não me satisfazia.

Então tentei mudar aos poucos, ou para outra cena que me deixa vulnerável, ou na técnica que usava, adicionando nanquim ou caneta esferográfica, ou fazendo rascunhos para redefinir a composição.

Imagem 21: Estudo



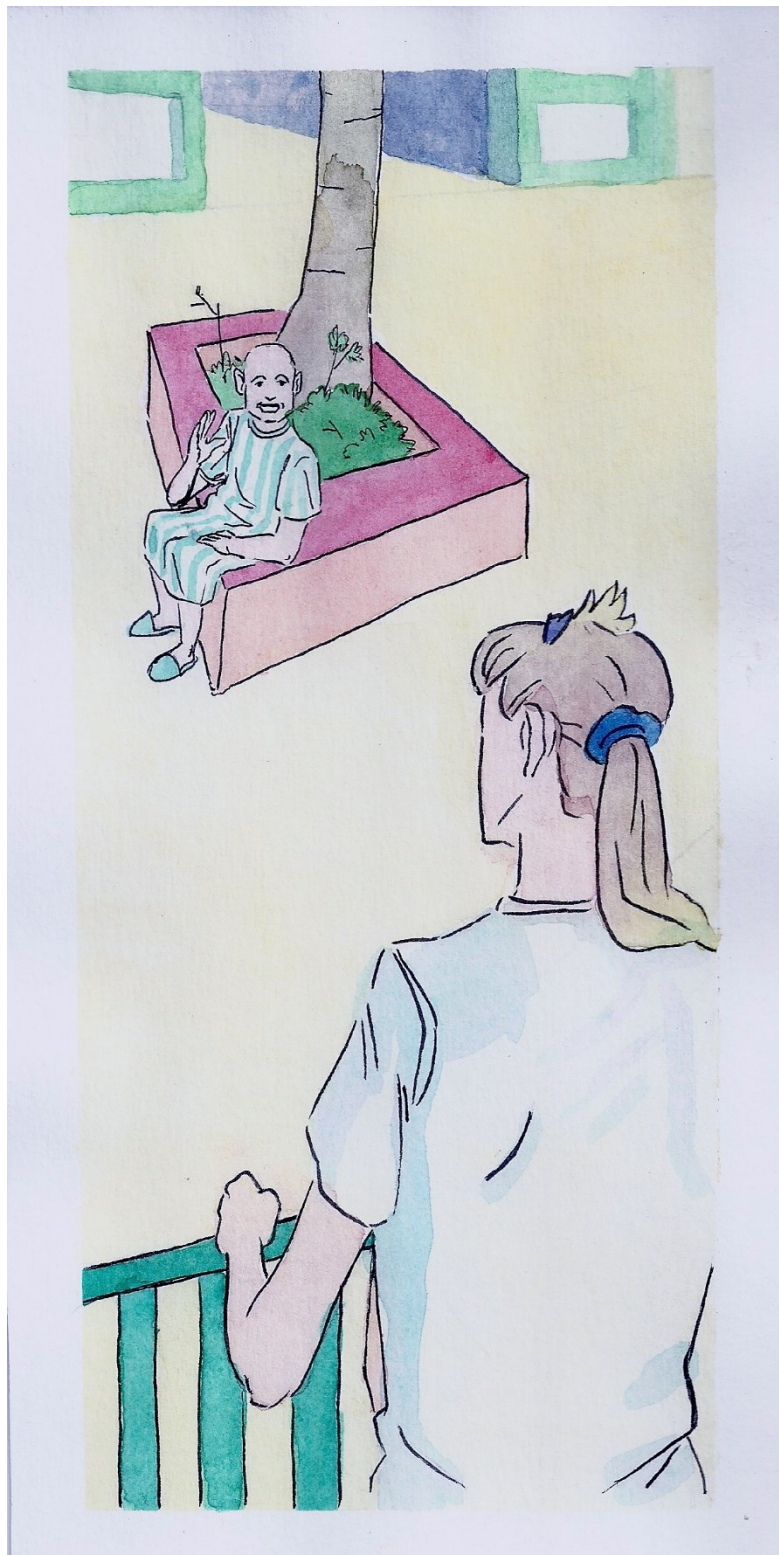
Fonte: A autora.

Imagem 22: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 23: Estudo



Fonte: A autora.

Porém, após alguns dias, percebi que minha insatisfação não era exatamente a estética das imagens que criei, mas sim a "identificação" dos personagens envolvidos na cena.

Impossível realmente identificar as pessoas retratadas nas cenas, mas para mim são nítidas as semelhanças físicas com pessoas reais envolvidas.

Isto me incomodou pois a minha intenção ao realizar essas imagens não era delatar os envolvidos nas situações que me deixam vulnerável, mas sim revelar quais são "as marcas vivas" que ainda me deixam vulnerável. A marca é uma memória que se atualiza no presente.

Trata-se de recuperar uma lembrança, de evocar um período de nossa história? Temos consciência de um ato *sui generis* pelo qual nos afastamos do presente para nos recolocarmos, primeiro no passado em geral e depois numa certa região do passado, trabalho de tenteios, análogo ao ajuste de um aparelho fotográfico. Mas nossa lembrança continua em estado virtual; dispomo-nos assim apenas a recebê-la adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco, ela aparece como uma névoa que se condensasse; de virtual, passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos vão se desenhando e sua superfície vai ganhando cor, tende a imitar a percepção. Mas permanece atada ao passado por suas raízes profundas, e se, depois de realizada, não se ressentisse de sua virtualidade original, se, ao mesmo tempo de um estado presente, não fosse algo que contrasta com o presente, nunca a reconheceríamos como lembrança... (BERGSON, 2006, p. 48).

Ou seja, a intenção é que o foco das imagens esteja na tensão da violência e não na relação agressor e agredido. Entendendo-se violência como à citada em "Pensamento, corpo e devir".

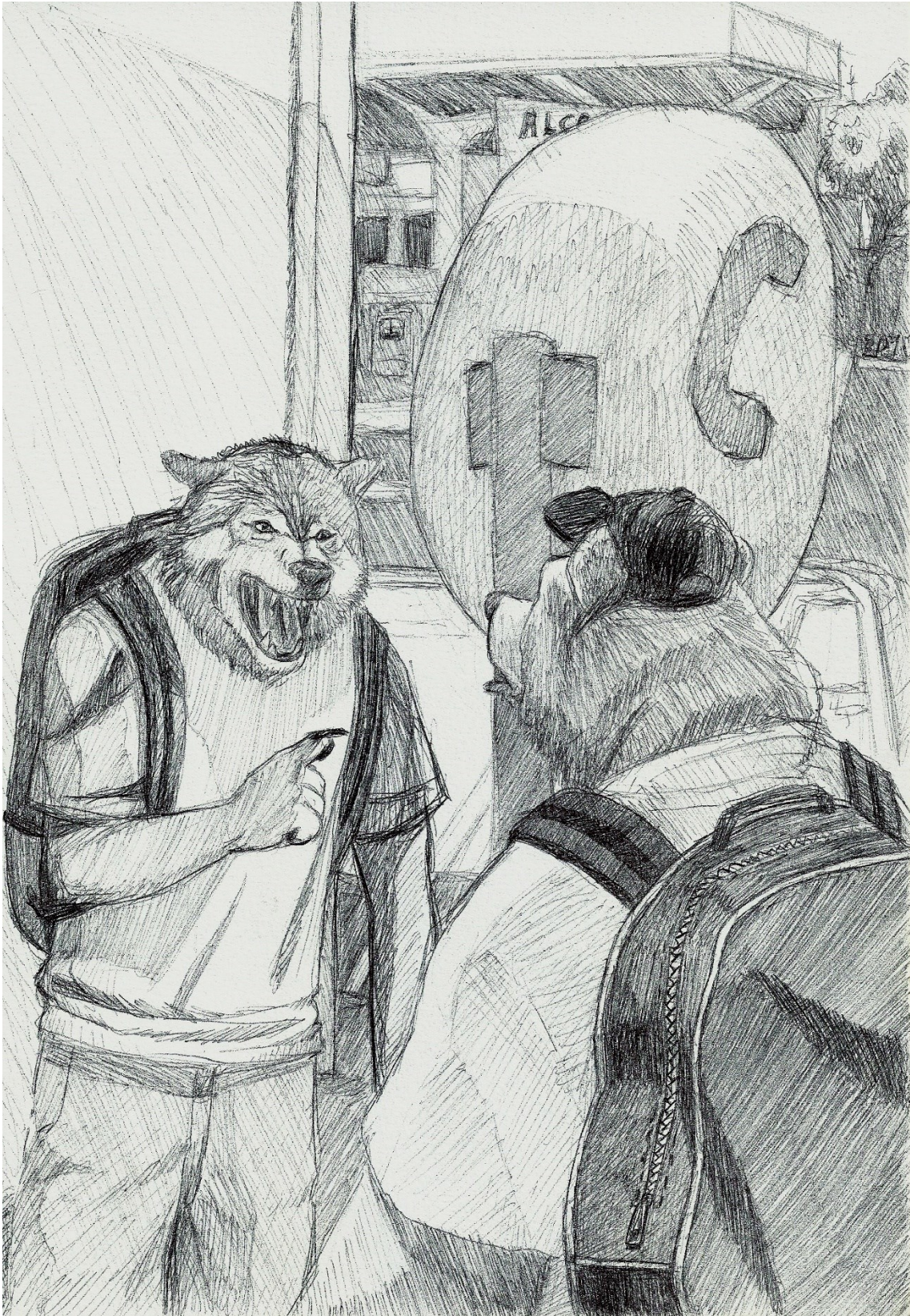
[...] no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros ([...] não só humanos), unidades separáveis e independentes; mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isso acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar esse estado inédito que se fez em nós. E a cada vez

que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros. (ROLNIK, 1993, p. 2).

Decidi criar uma espécie de máscara para a aparência física dessas personagens, alterando-as para formas de animais que se assemelham, na minha opinião, às características dessas pessoas.

Três imagens foram criadas: duas com caneta esferográfica e aquarela e uma somente usando a caneta esferográfica.

Imagem 24: Estudo



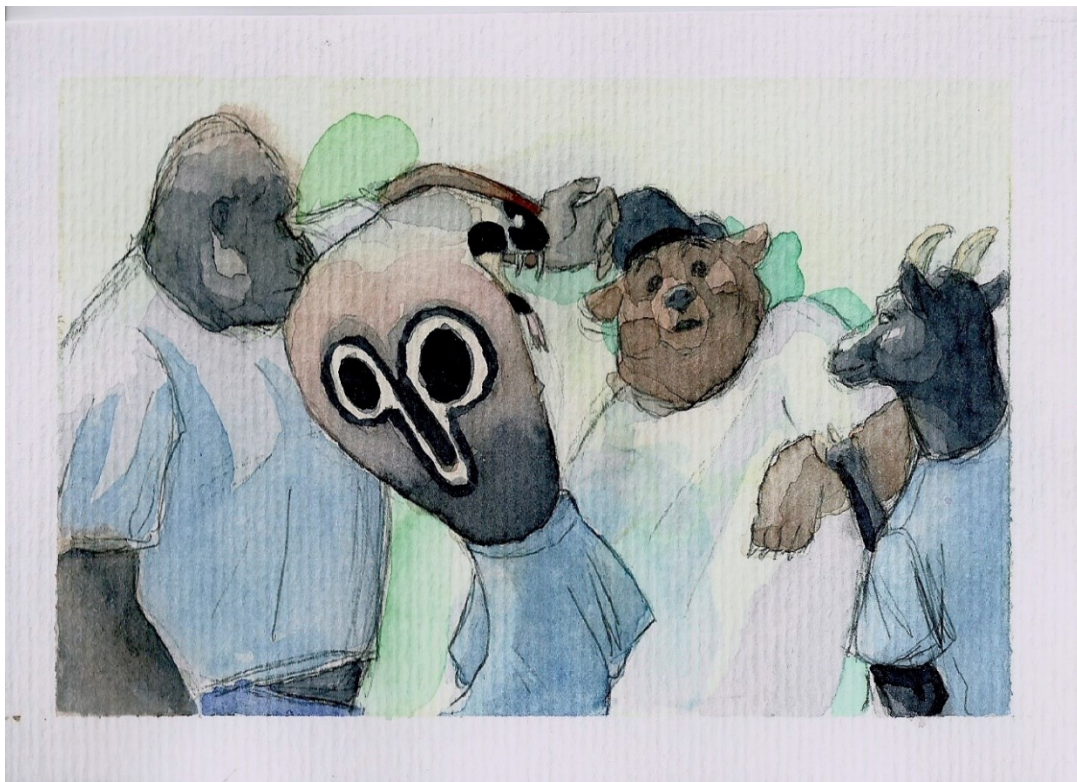
Fonte: A autora.

Imagem 25: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 26: Estudo



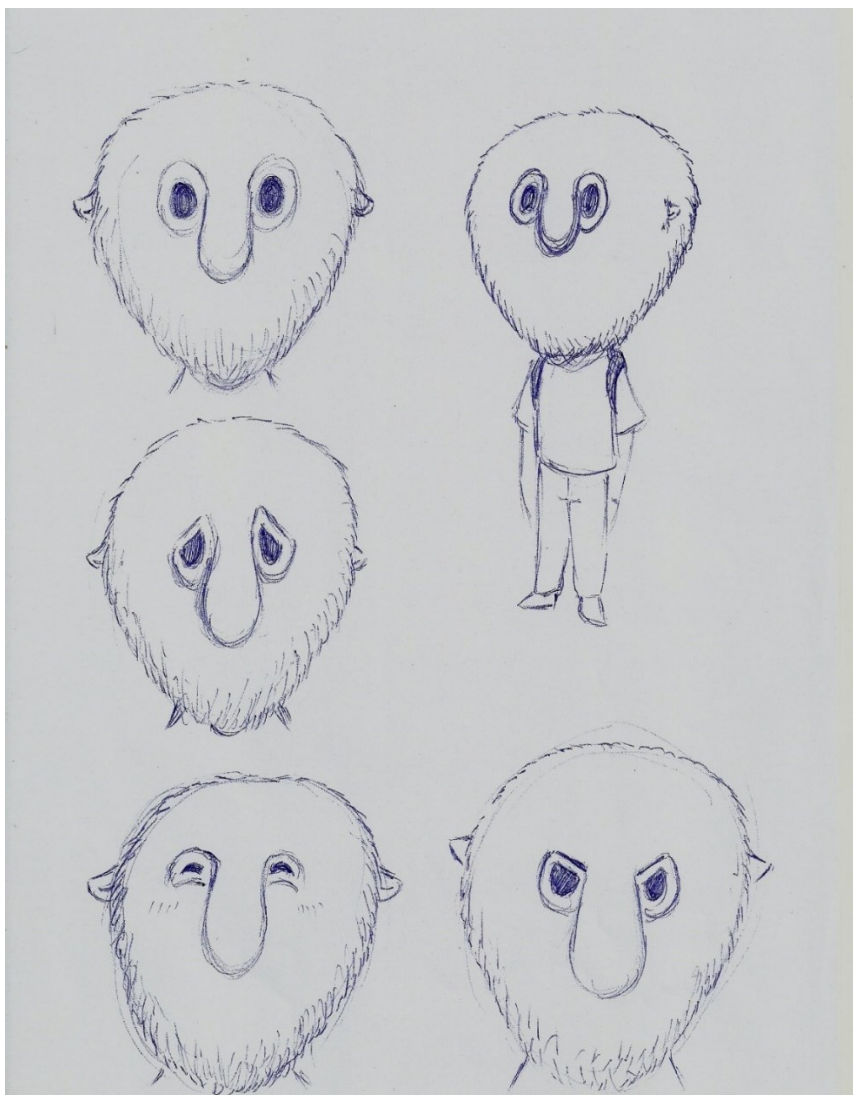
Fonte: A autora.

As três últimas imagens dessa primeira etapa se aproximaram mais desta tensão violenta de quem sofre bullying e os seus agressores. Trouxeram elementos que deixaram mais complexa essa relação tensa entre esses dois arquétipos. Em orientação, nós percebemos que os animais tornaram-se a essência dessas pessoas para mim. Agora olho para esses personagens como eu os vejo, e não como realmente são.

Sobre As Segundas Imagens

Nas últimas produções, a personagem principal, que começou a ser retratada como animal anteriormente, agora é retratada como uma mistura entre animal e humano.

Imagem 27: Estudo



Fonte: A autora.

A figura, animal humanizado, tem expressão triste diante das situações de opressão que o atingem. Se os outros estão entre animal e humanos, este fica como um animal humano, com os olhos tristes, se tornando a vítima. Acabo perpetuando o bom, o mau, o certo, o errado, que está incluído sim, porém, além de se tornar clichê, não é o foco do trabalho. O trabalho ilustra situações que vivi. Quem vive não tem nem clichê nem não clichê, tem a marca daquela experiência.

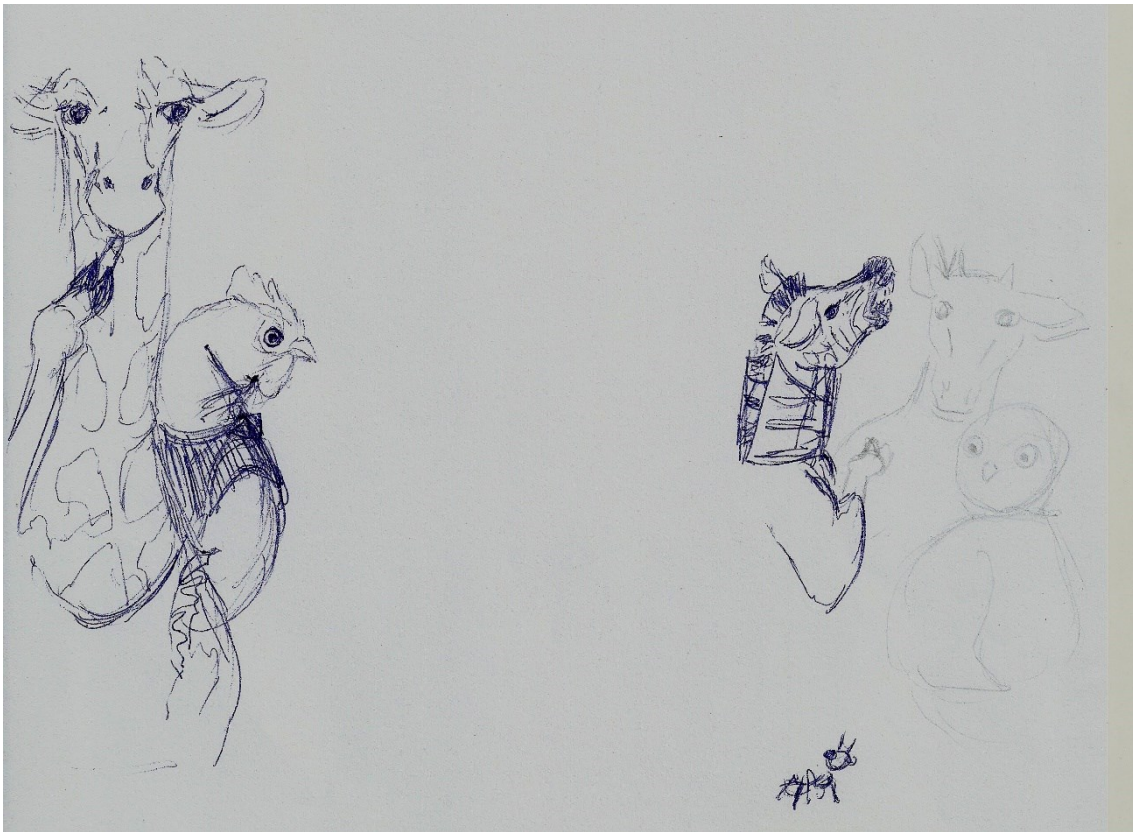
Quando faço as aquarelas não é para reproduzir o clichê de vítima e agressor, é para trazer outras nuances, produzir outros sentidos. Deixando de ser representação do vivido. É produção de sentidos.

Imagem 28: Estudo



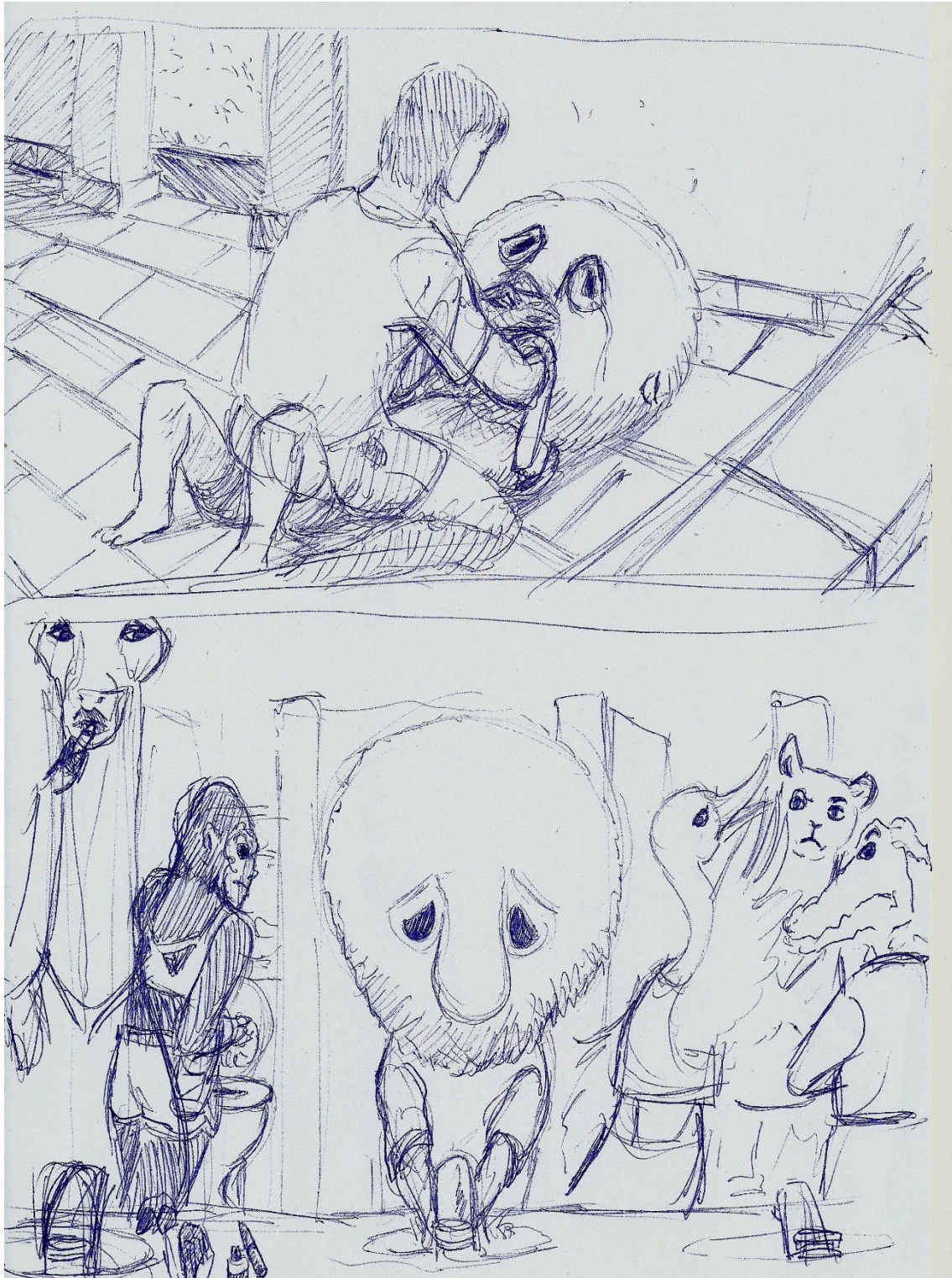
Fonte: A autora.

Imagem 29: Estudo



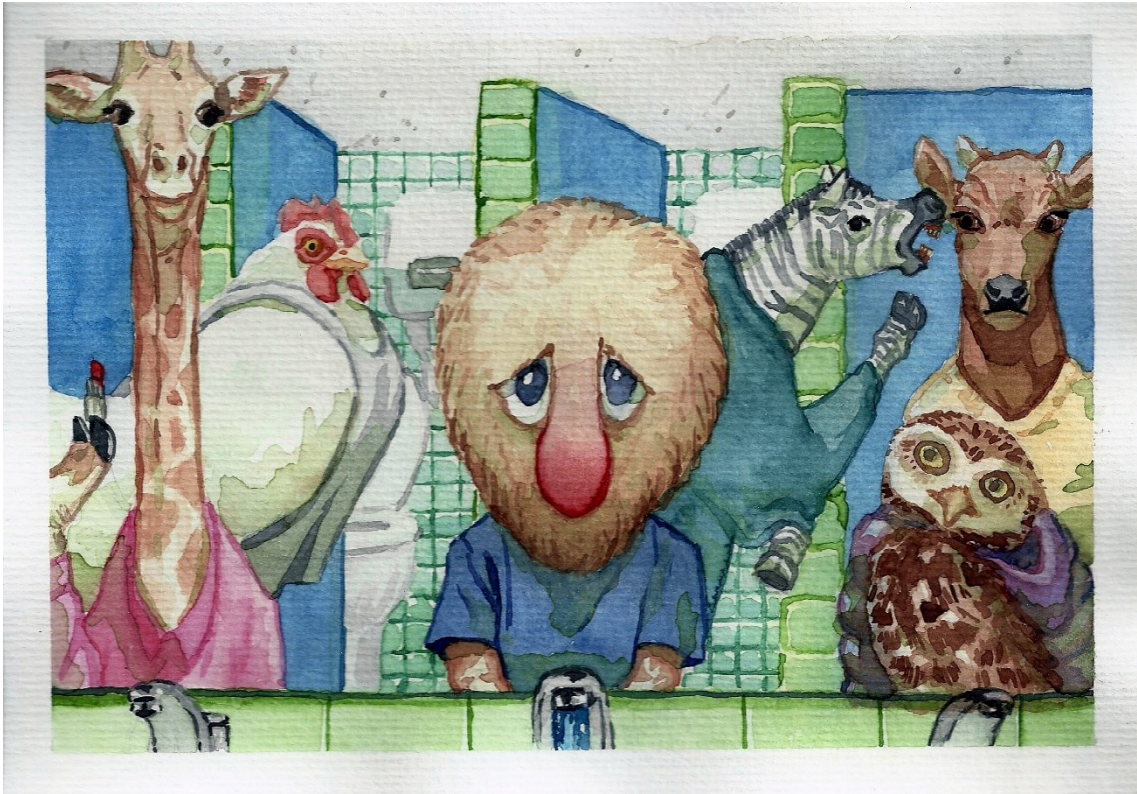
Fonte: A autora.

Imagem 30: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 31: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 32: Estudo



Fonte: A autora.

Esse trabalho lida com a vulnerabilidade de forma diferente da se contar uma história com um lado bom e um lado mau. Não é sobre o certo e o errado, ou quem está certo e quem está errado. É sobre as situações que criam vulnerabilidade.

As pessoas foram representadas em forma de animais como instrumentos auxiliares para destacar suas atitudes acima de suas identidades. A intenção não é denunciar os envolvidos nos acontecimentos, mas sim explicitar as ações.

Nesse contexto a ideia de um personagem principal que contém expressões faciais foi cortada. Primeiro porque seu sofrimento não deve ser o foco, e segundo que, assim como os animais representam as essência das ações de cada pessoa, essa figura meio humana, meio animal, quando perde a sua capacidade de expressão, se torna mais próxima da representação de um objeto do que de algo vivo. Portanto, a figura se torna mais próxima da visão que se tem dela em detrimento da visão que ela tem de si mesma.

Nas primeiras aquarela que apareceram os animais foi notada, pelo orientador, uma figura com potência humana e não humana.

Imagem 33: Recorte da figura observada pelo orientador.



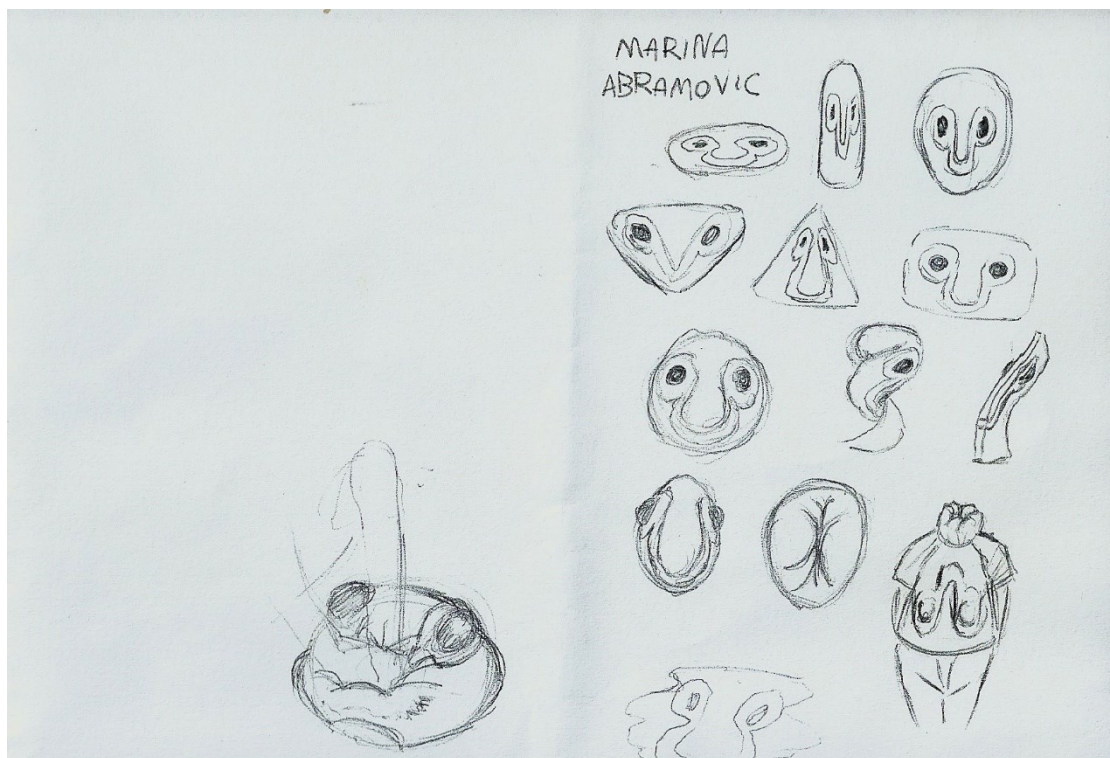
Fonte: A autora.

Mas, nas aquarelas seguintes, acabei humanizando demais a figura, ficando com expressão triste e acabei colocando essa personagem no papel da

vítima, tirando a atenção da cena para já dar o elemento do agressor e da vítima. Reforçou os papéis e interpretações vigentes de que existe um agressor sim e que existe uma vítima sim. Mas, a complexidade com que isso se dá é o que eu, como artista, quero me aproximar. Retirar a vítima é fundamental. Continuar com uma figura que já havia aparecido e que não é nada, não se sabe se ela é humana, não se sabe se é animal, se é boneco, se é máscara.

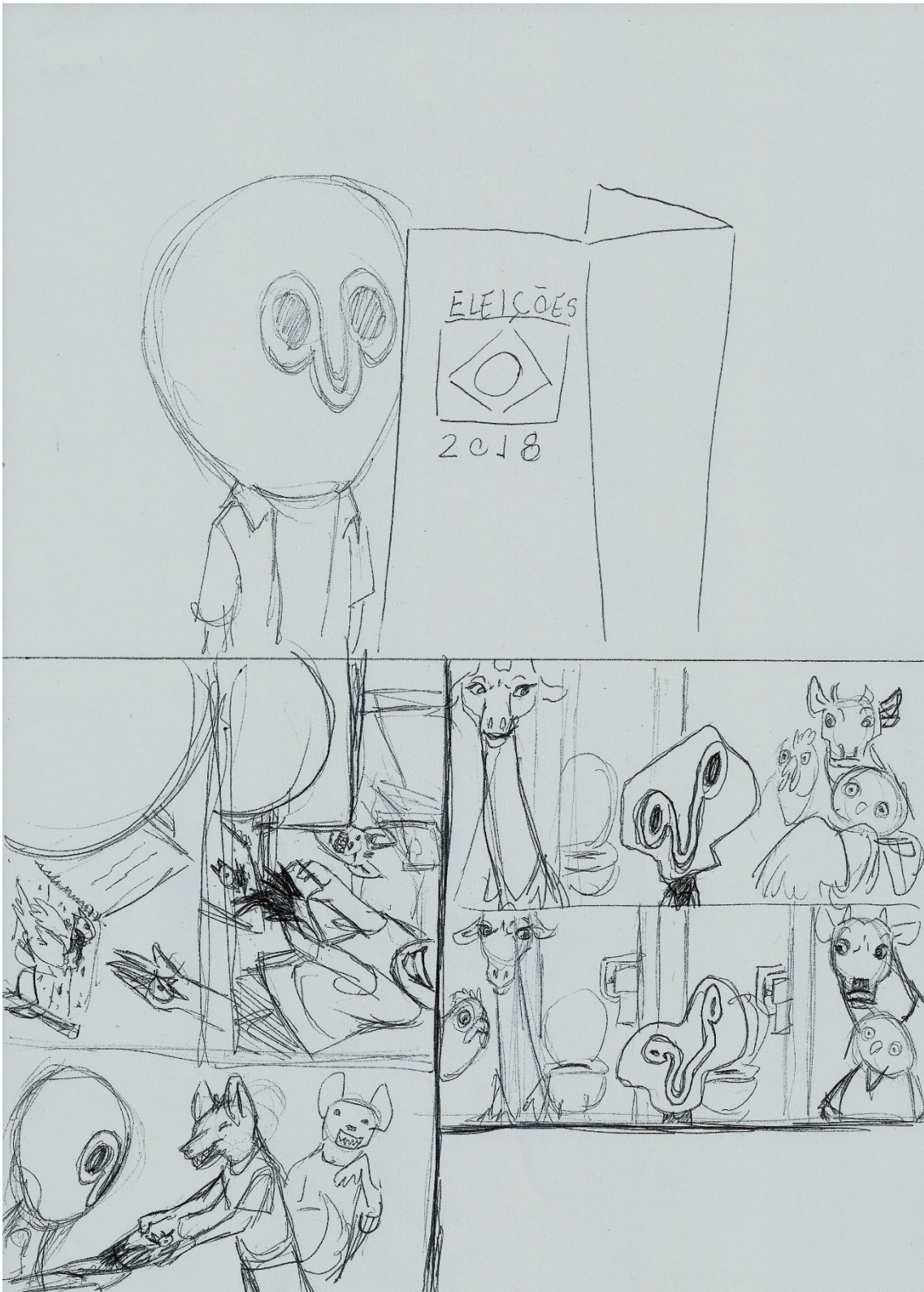
Por meio desse entendimento reestruturei essa figura, não só tirando todas as expressões dela, como distorcendo a forma dessa figura o máximo que conseguia, sem alterar sua identidade, acrescentar novas situações e espaços, onde minha vulnerabilidade se torna presente.

Imagem 34: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 35: Estudo



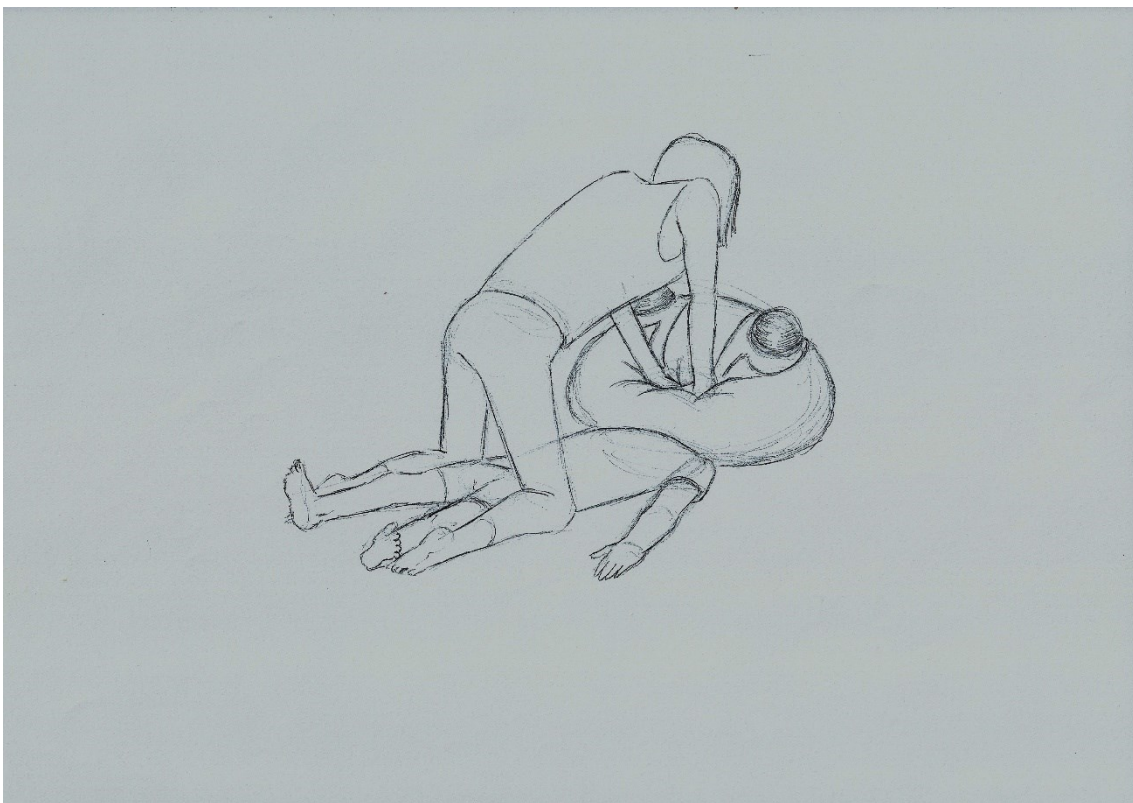
Fonte: A autora.

Imagem 36: Estudo



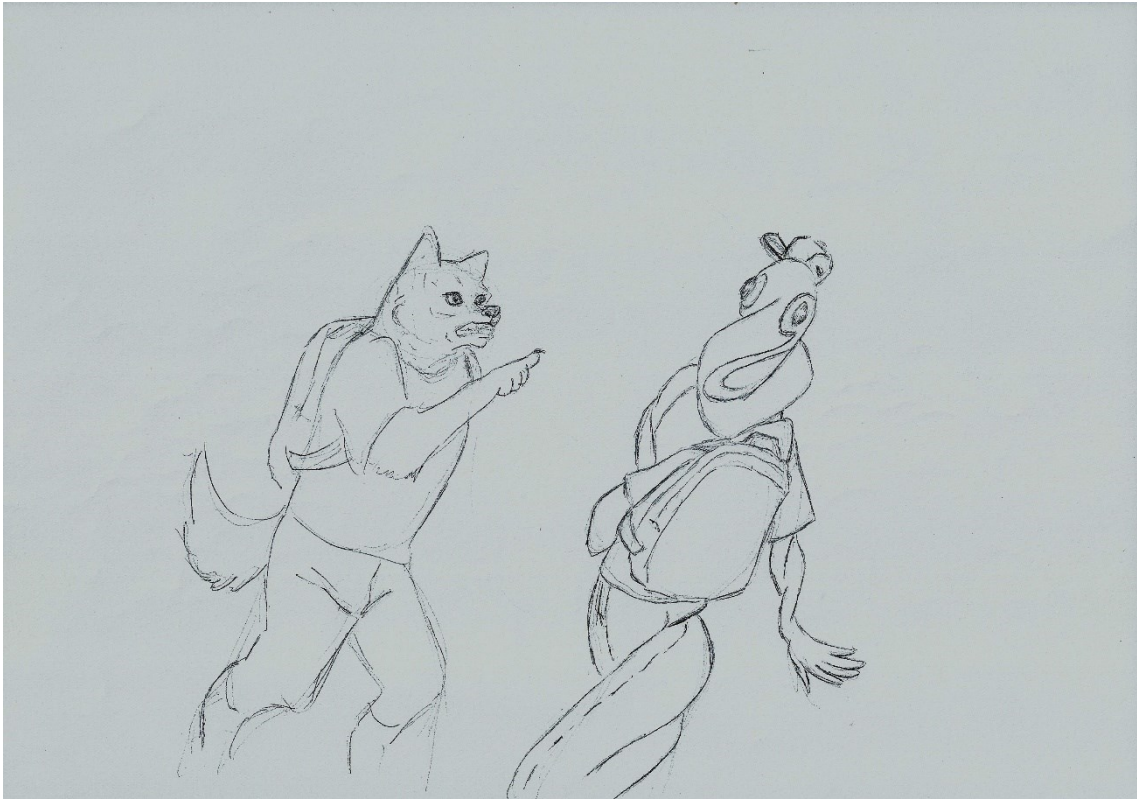
Fonte: A autora.

Imagem 37: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 38: Estudo



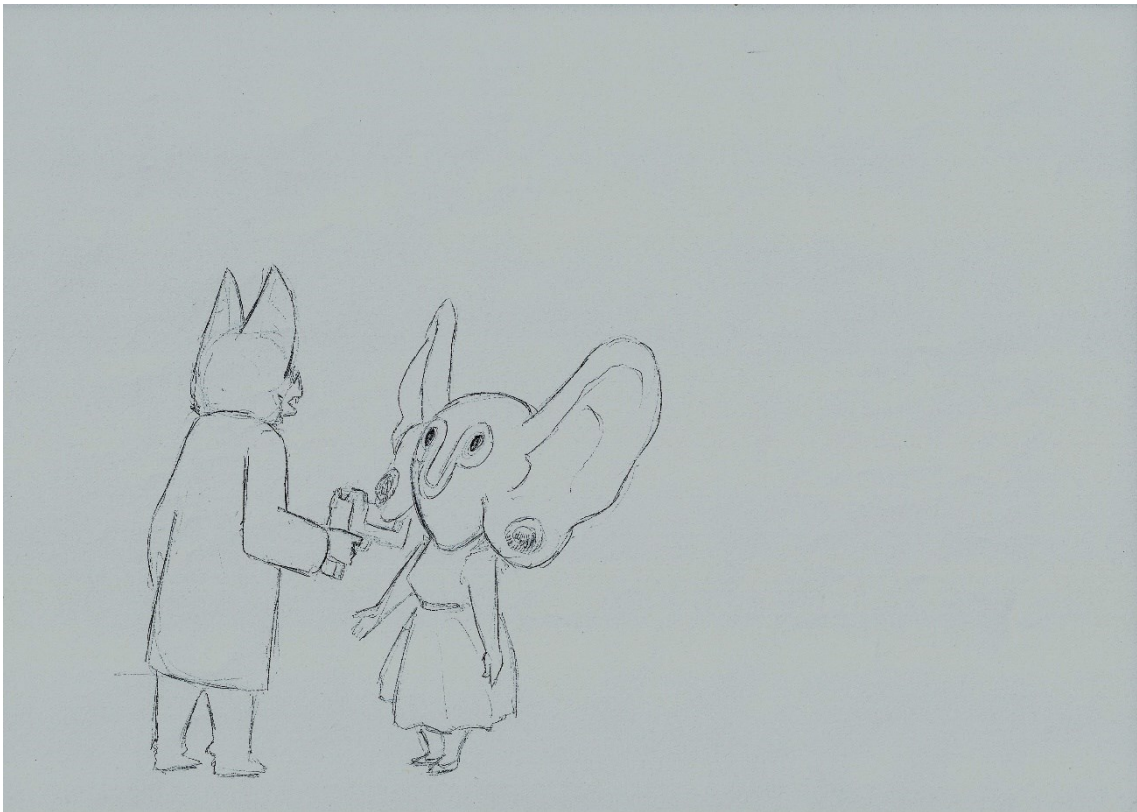
Fonte: A autora.

Imagem 39: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 40: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 41: Estudo



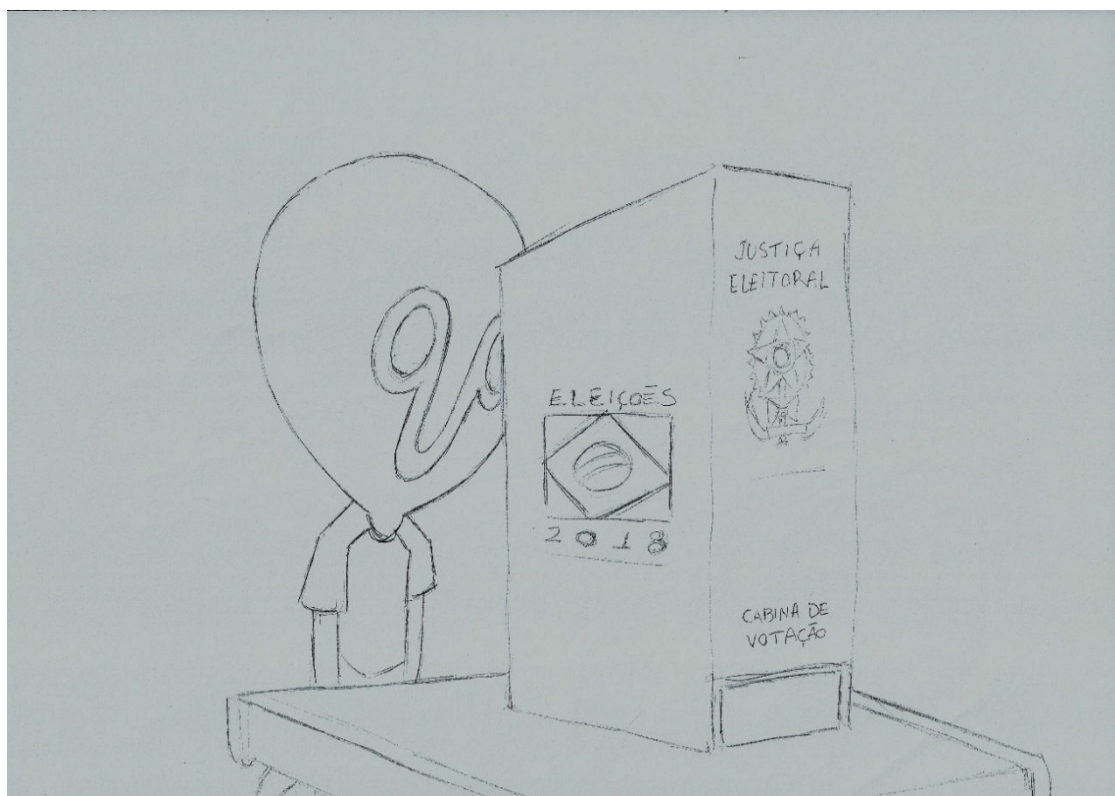
Fonte: A autora.

Imagem 42: Estudos



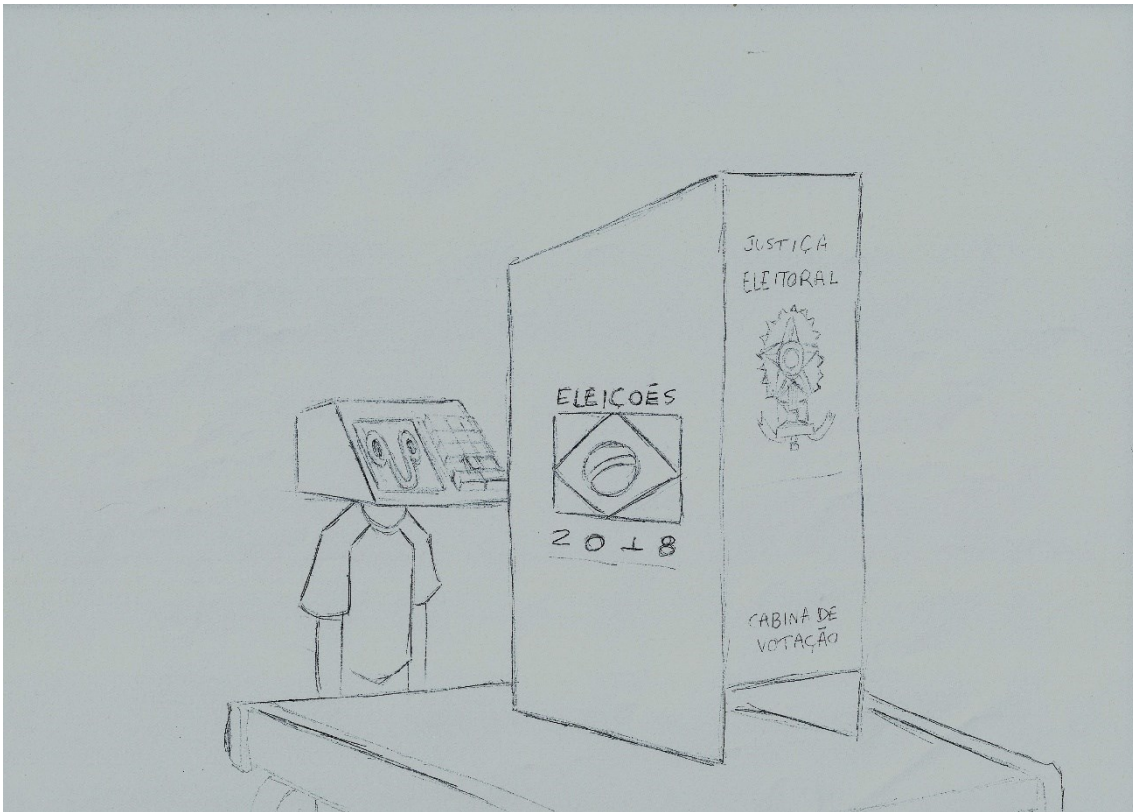
Fonte: A autora.

Imagem 43: Estudo



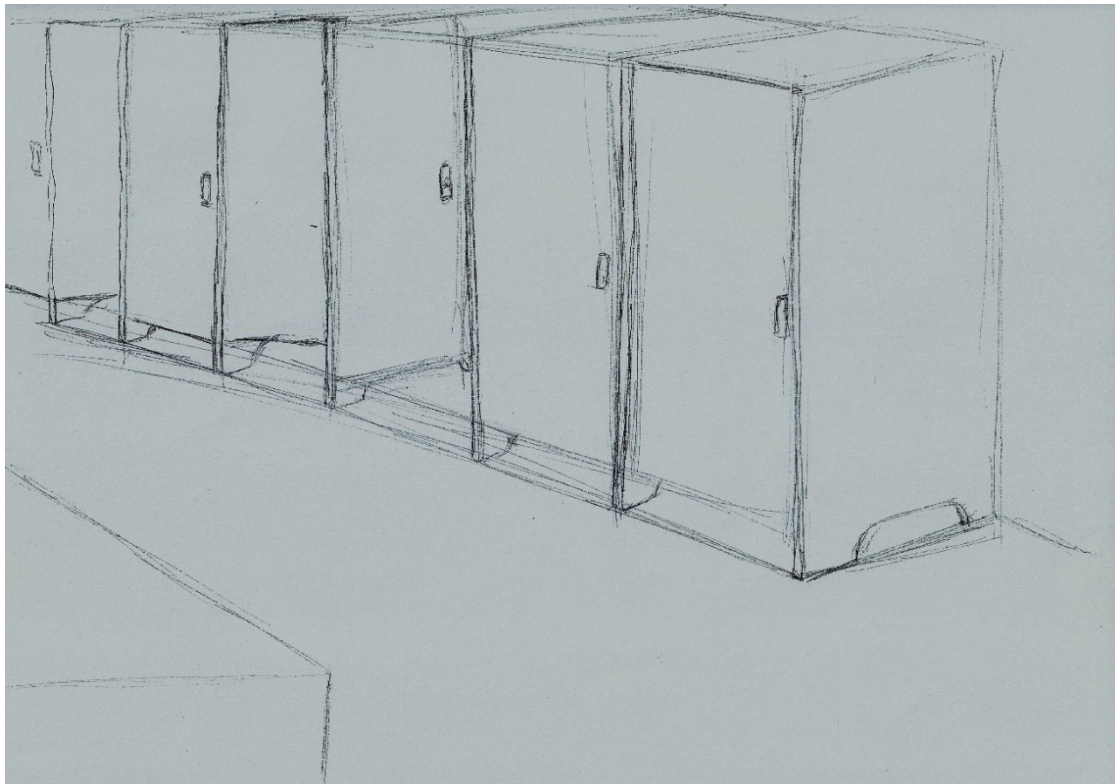
Fonte: A autora.

Imagem 44: Estudo



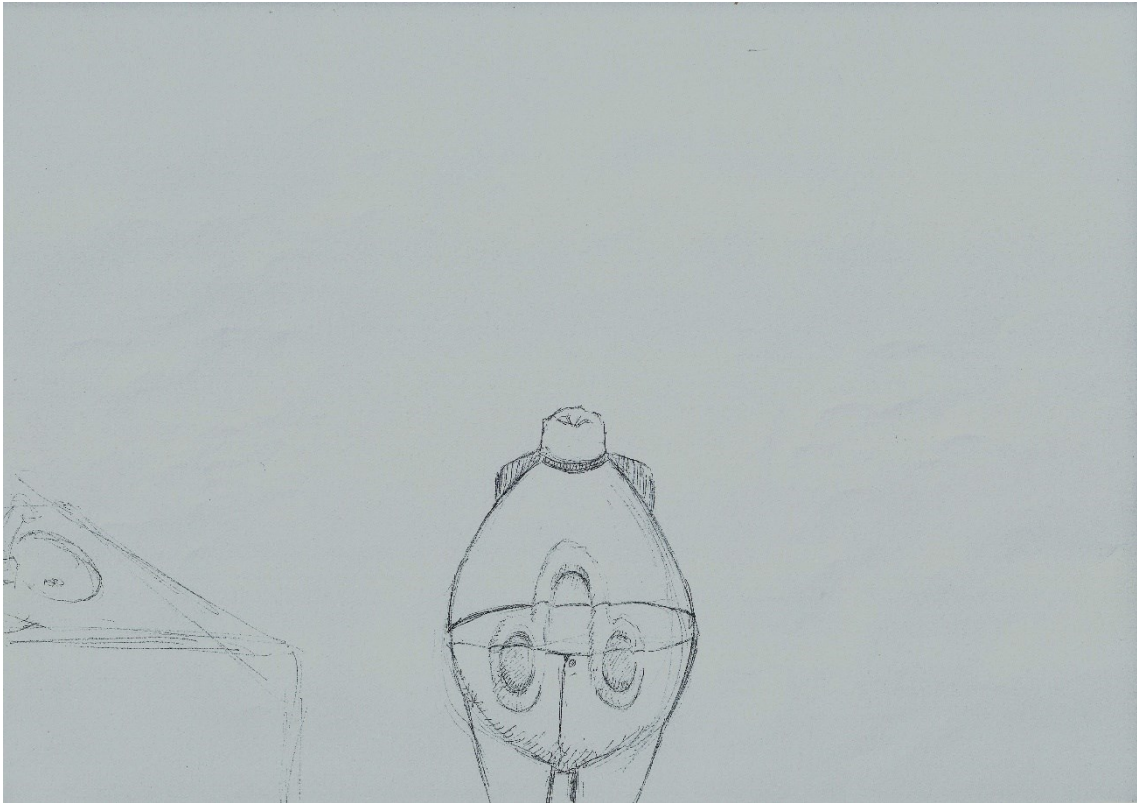
Fonte: A autora.

Imagem 45: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 46: Estudo



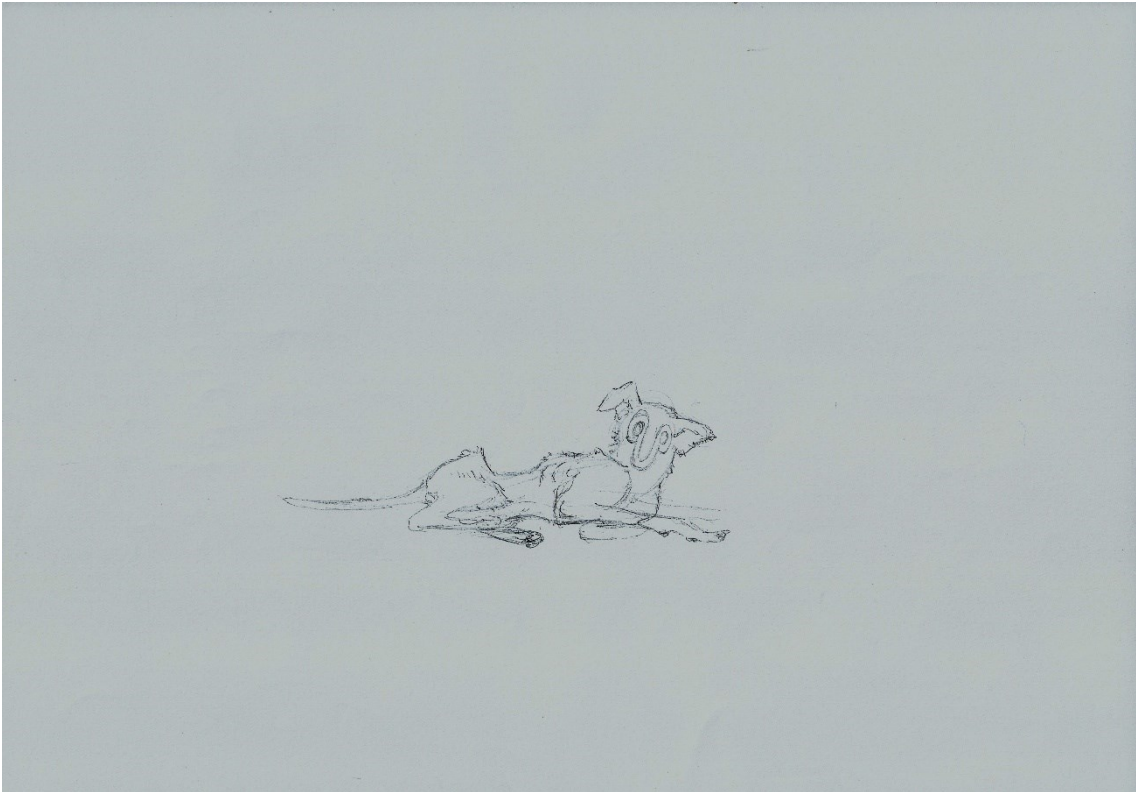
Fonte: A autora.

Imagem 47: Estudo



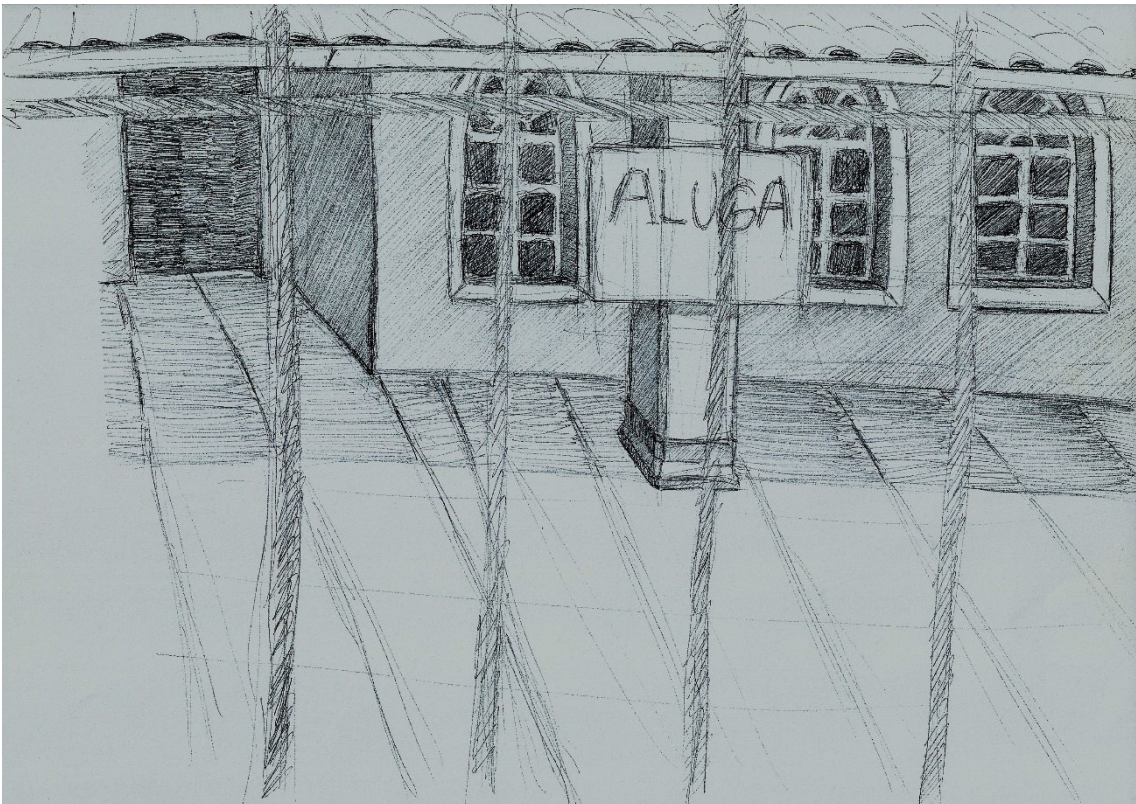
Fonte: A autora.

Imagem 48: Estudo



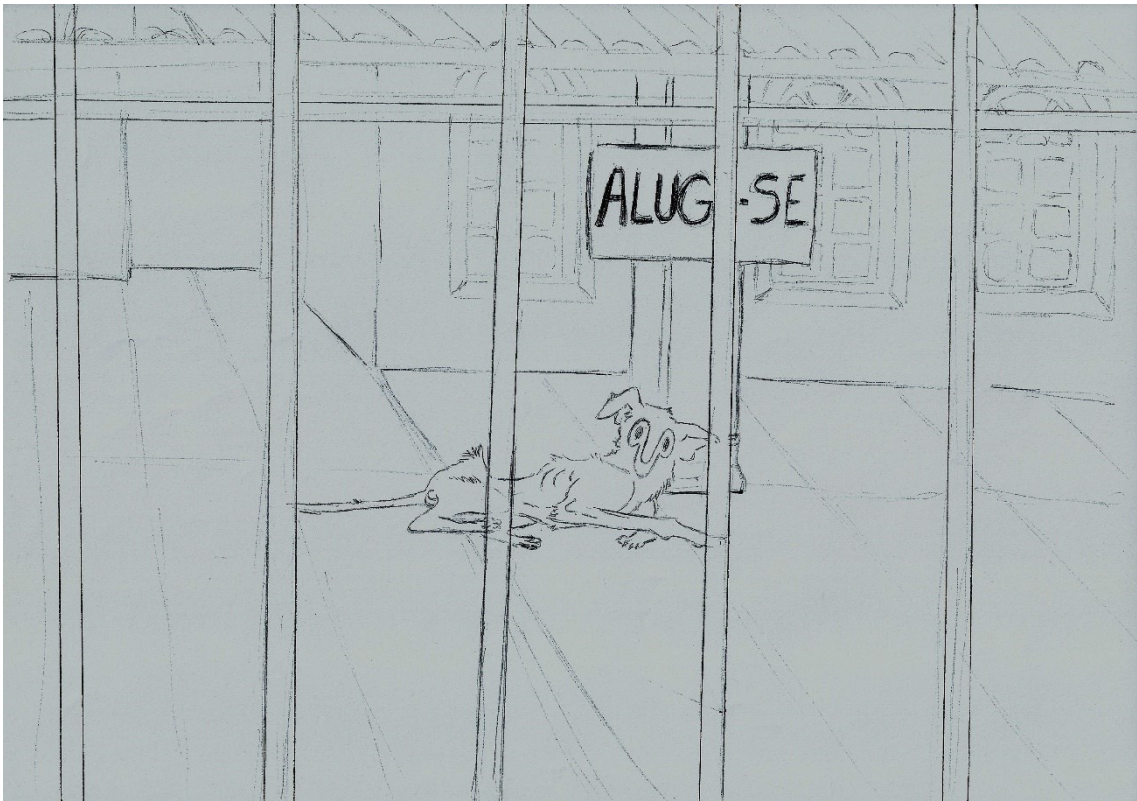
Fonte: A autora.

Imagem 49: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 50: Estudo



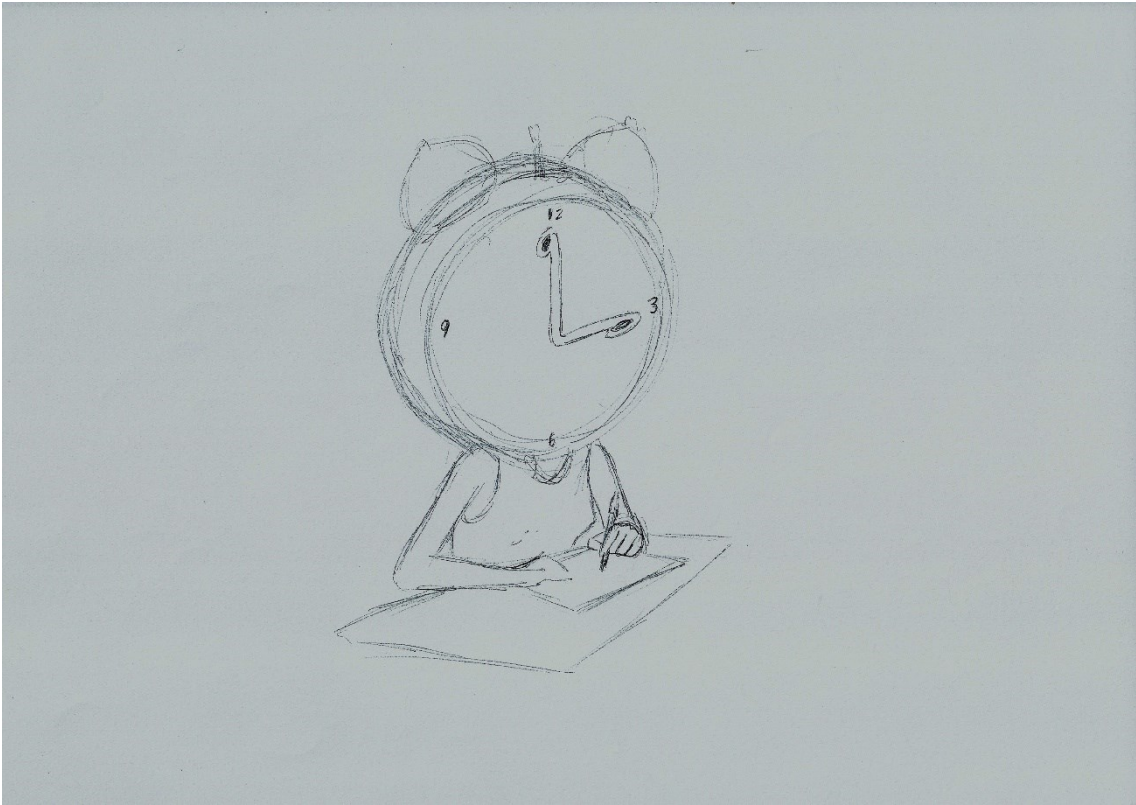
Fonte: A autora.

Imagem 51: Estudo



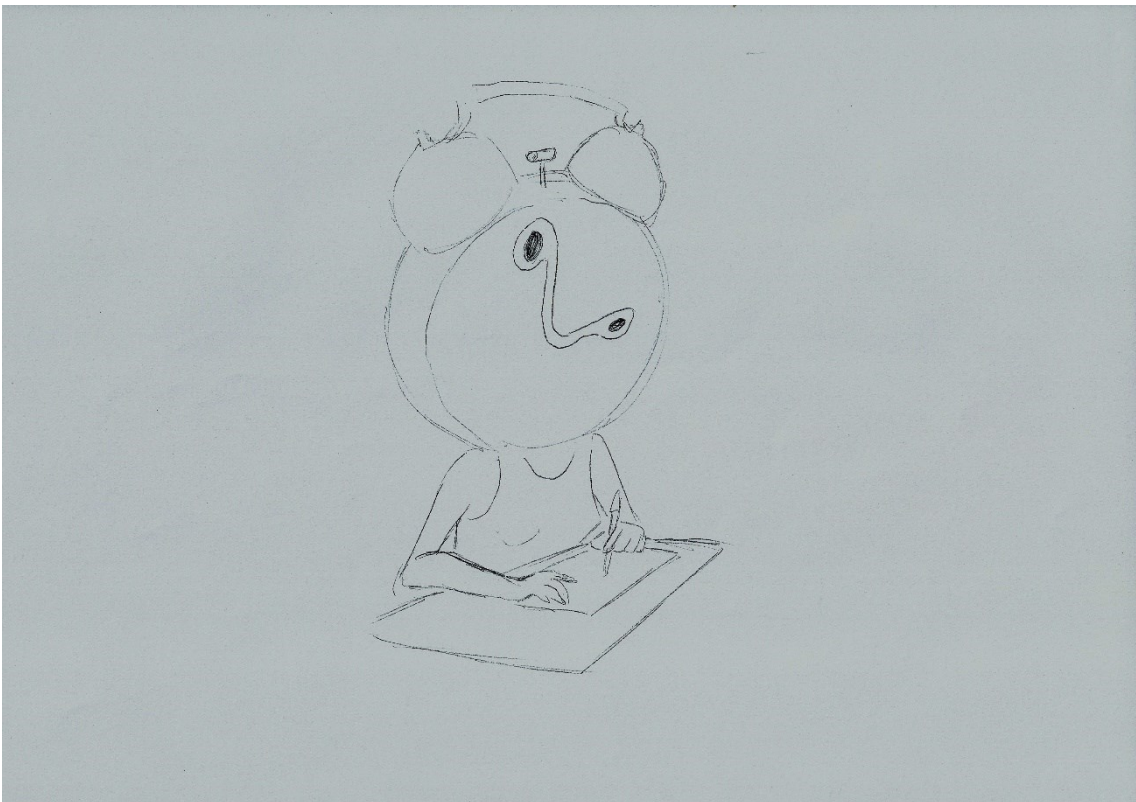
Fonte: A autora.

Imagem 52: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 53: Estudo



Fonte: A autora.

Sobre As Terceiras Imagens

Entreguei ao professor uma variedade de ilustrações com diferentes vulnerabilidades minhas. Na orientação foi percebido que a vulnerabilidade mais representativa era a minha presença em banheiros públicos feminino, pois, além de produzir imagens fortes em potencial, também sugeria maior variedade em possibilidades.

Decidimos criar, com base nessa orientação, um foco de produção somente na minha relação de vulnerabilidade com o banheiro feminino.

Foi necessário produzir mais imagens dessas situações com as quais passei dentro desses banheiros, como também a criação de novas situações, novas memórias pessoais neste mesmo ambiente.

As imagens produzidas sempre carregam um certo constrangimento e desconforto de ambas as partes das figuras apresentadas nelas.

Tanto eu, quanto as mulheres que entram no banheiro ao mesmo tempo que eu, compartilhamos de um momento de olhar e ser olhada indiretamente. Elas para ter certeza de que sou uma mulher e eu para ter certeza de que estão me olhando. Um momento em que tanto eu quanto elas nos sentimos desconfortáveis de partilhar o mesmo ambiente.

Sinto-me como se minha existência ocupasse todo o ambiente do banheiro, parecendo que a minha presença, de alguma forma, consegue alcançar essas mulheres, mesmo sem conseguir tocá-las.

Por isso hesitei quando fui ao shopping com o propósito de entrar em um banheiro feminino público para criar memórias, e conseqüentemente marcas com situações daquele local. Demorei por bom tempo dentro do shopping, tentava criar coragem para enfrentar aquele momento. Percebi que essa hesitação já era uma marca do meu vulnerável em si.

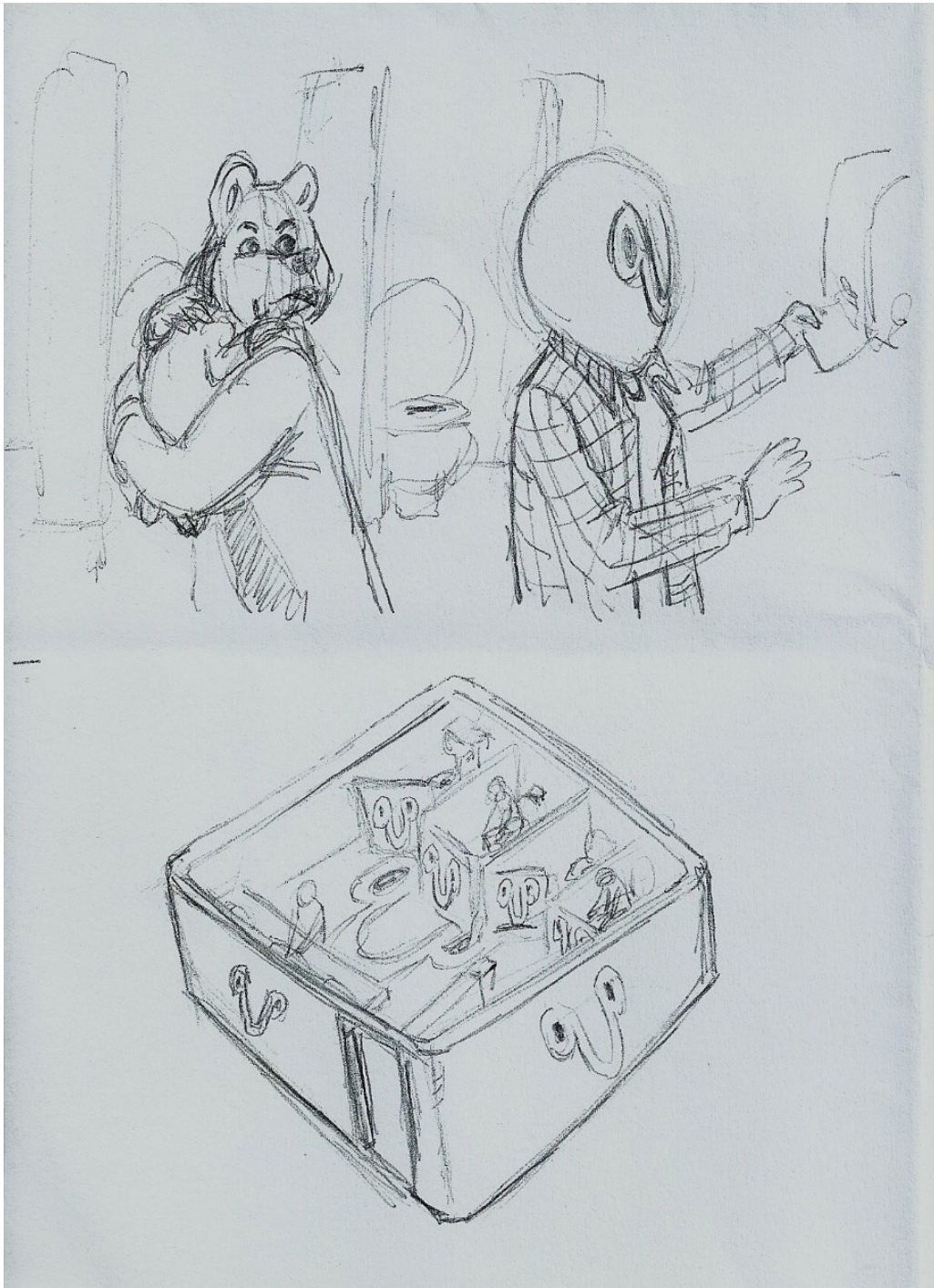
Comecei a fazer rascunhos, usando uma caneta esferográfica, dentro do próprio shopping, logo após cada situação dentro desses banheiros.

Imagem 54: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 55: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 56: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 57: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 58: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 59: Estudo



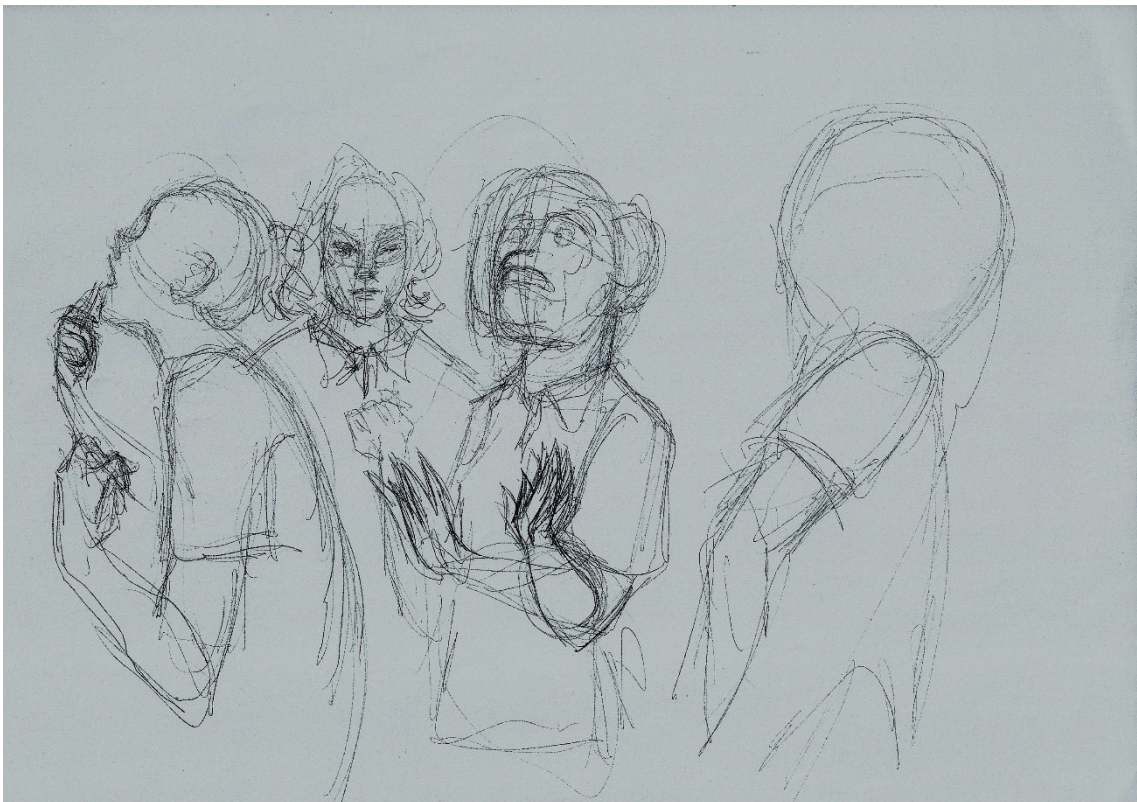
Fonte: A autora.

Imagem 60: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 61: Estudo



Fonte: A autora.

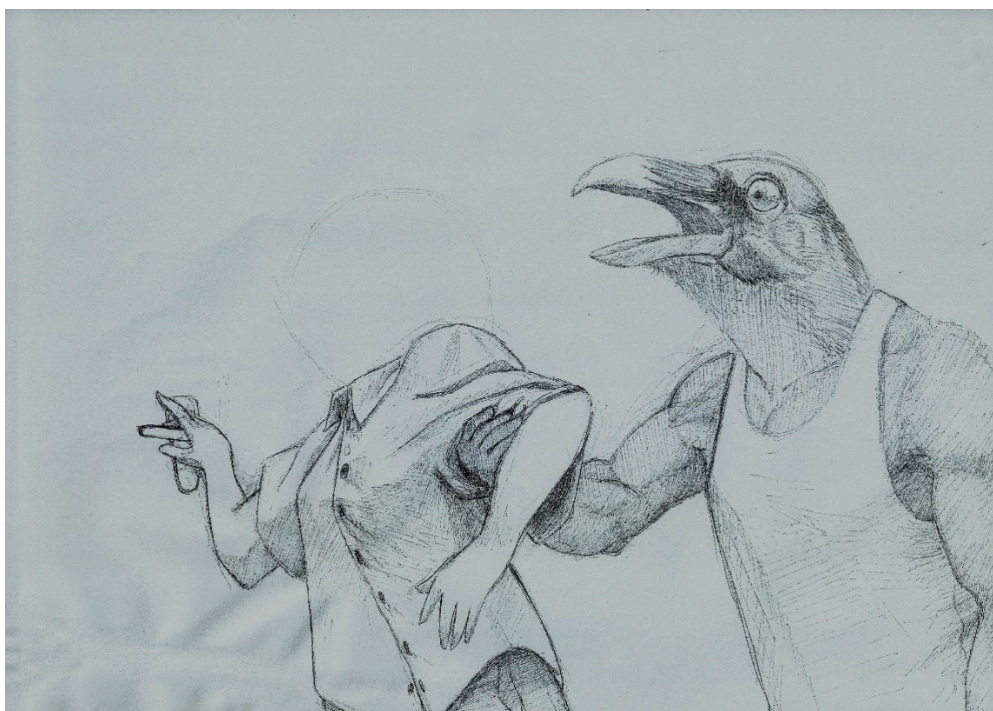
Em casa comecei a fazer rascunhos mais elaborados, ainda com caneta esferográfica e em tamanho maior.

Imagem 62: Estudo



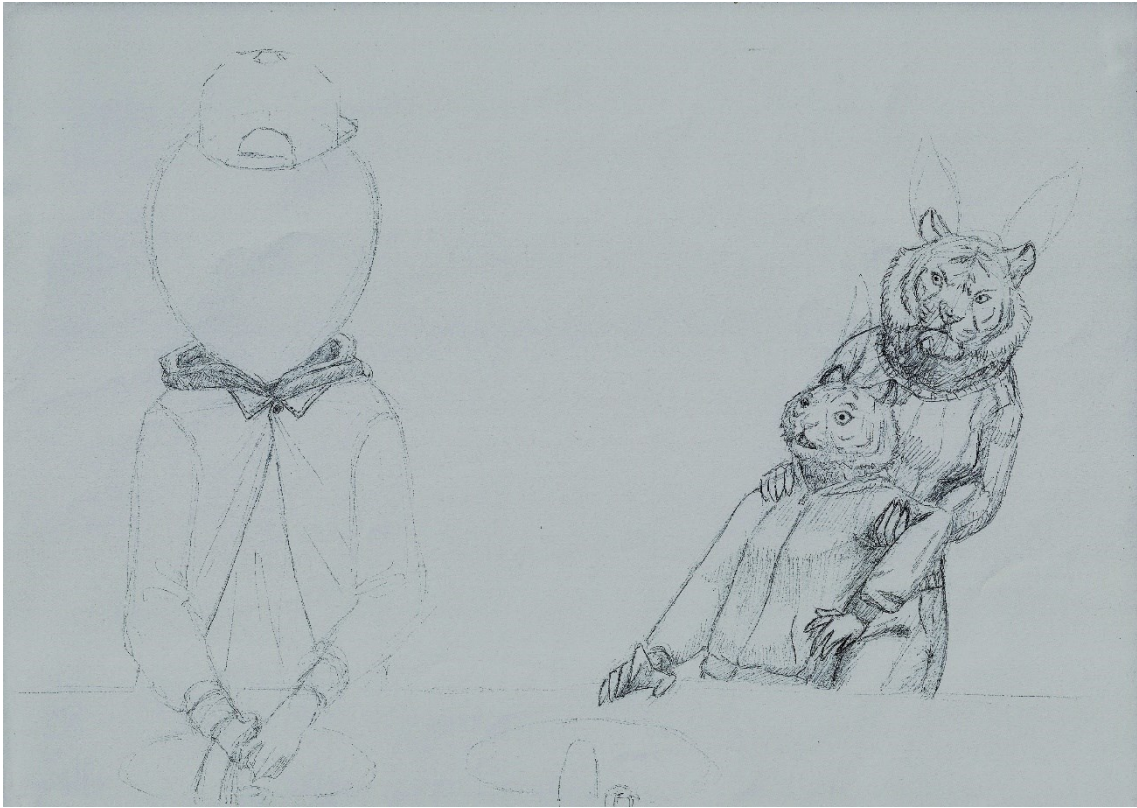
Fonte: A autora.

Imagem 63: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 64: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 65: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 66: Estudo



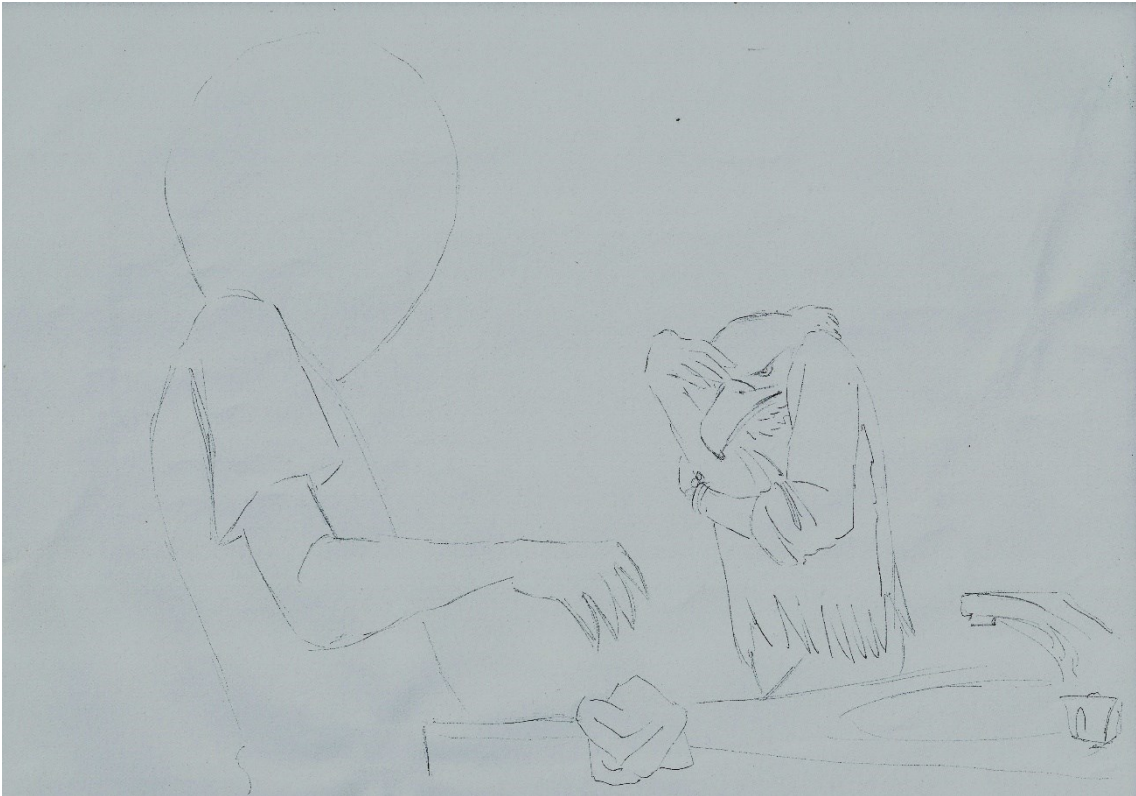
Fonte: A autora.

Imagem 67: Estudo



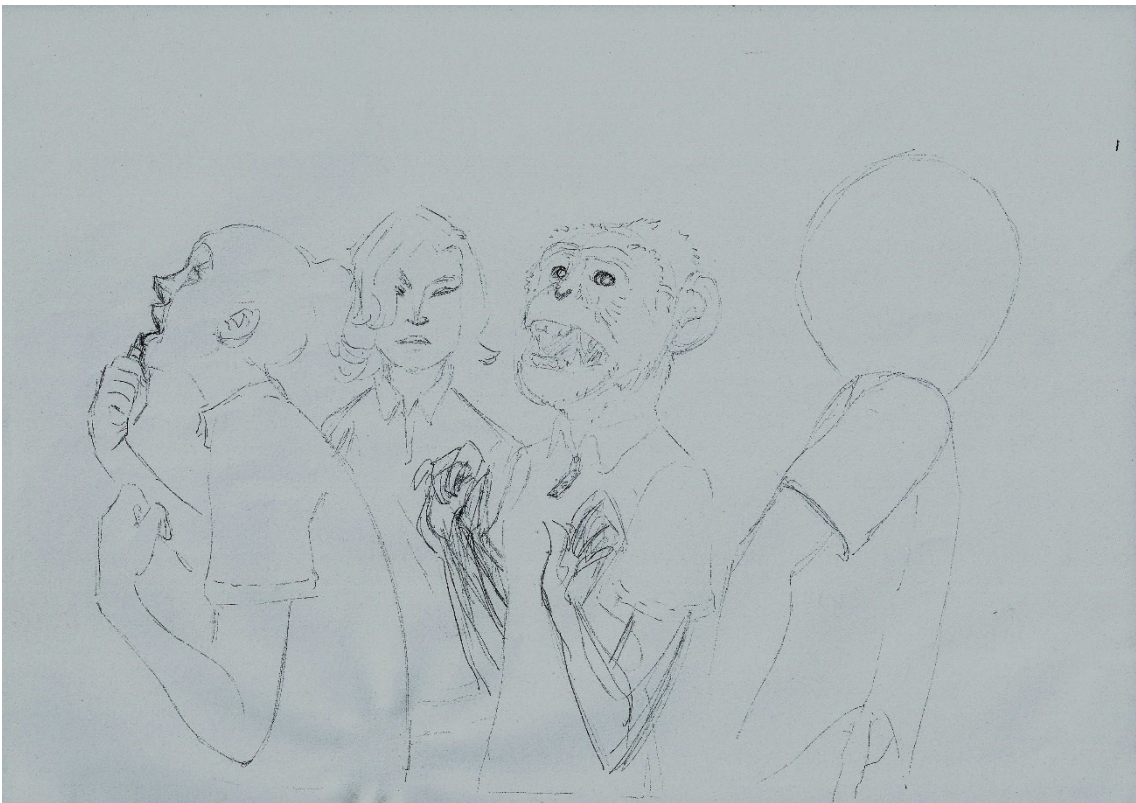
Fonte: A autora.

Imagem 68: Estudo



Fonte: A autora.

Imagem 69: Estudo



Fonte: A autora.

Um assunto discutido junto ao orientador era como resolver a forma dessa figura que significava essa minha existência. Enquanto fazia os esboços havia deixado a forma em branco para decidir como seria seu rosto. Indagava se deixaria como a máscara original ou se mudaria.

Quando comecei a aquarelar as imagens, percebi que o vazio da figura não preenchida na aquarela já se tornava uma forma, e isso se reflete no modo como as pessoas me enxergam. Como um vazio no acesso ao banco de dados de nomenclaturas que elas conhecem. Estou ali sem definição.

A leitura que essas pessoas conseguem fazer sobre mim é a da minha roupa, mas não a do meu rosto. O gênero binário que elas procuram não está nem na roupa nem no rosto, pois a combinação dos dois juntos não resulta em nenhuma das duas respostas.

Então, para o trabalho final, foram produzidas oito imagens no papel para aquarela, Canson, gramatura 300, tamanho 29,7 centímetros por 21 centímetros, utilizando a técnica da aquarela.

Imagem 70: Produção Final



Fonte: A autora.

Imagem 71: Produção Final



Fonte: A autora.

Imagem 72: Produção Final



Fonte: A autora.

Imagem 73: Produção Final



Fonte: A autora.

Imagem 74: Produção Final



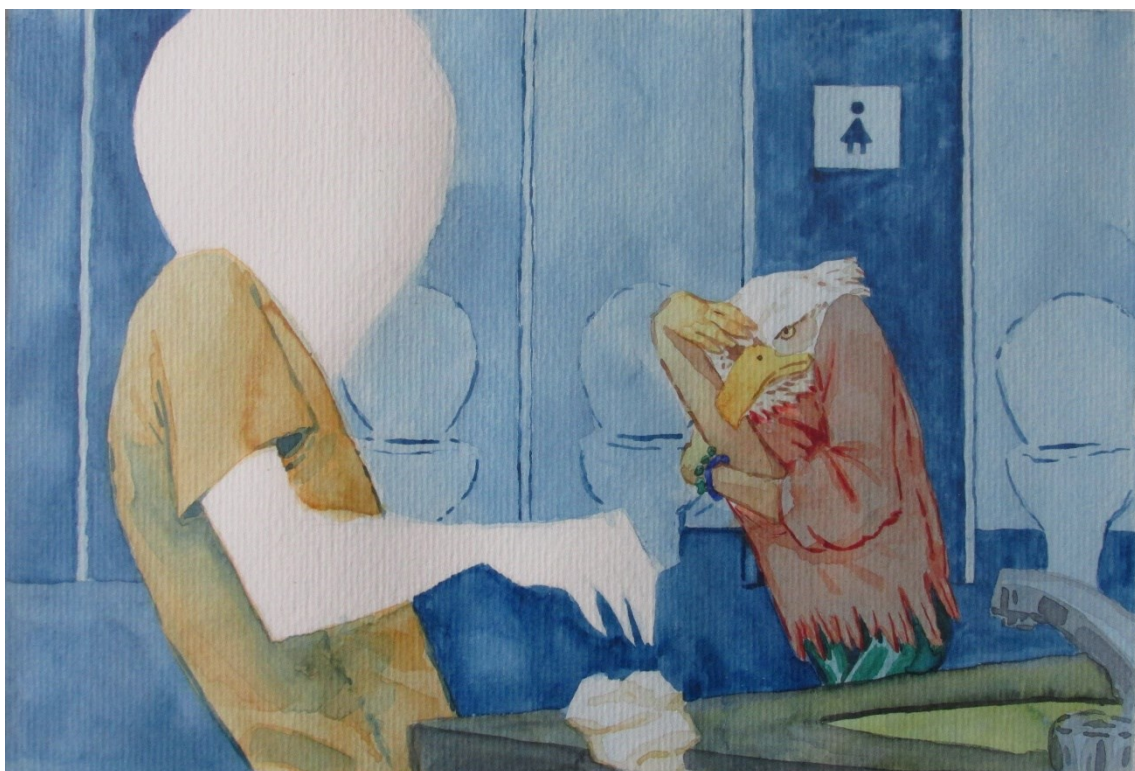
Fonte: A autora.

Imagem 75: Produção Final



Fonte: A autora.

Imagem 76: Produção Final



Fonte: A autora.

Imagem 77: Produção Final



Fonte: A autora.

O NOME “AFETO”

O título do trabalho "Afeto" tem mais o sentido de afetar do que o sentido de afeição. Não que a afeição não se aplique no trabalho, essa produção tem um espaço para indagar a possibilidade de afeição entre pessoas de ideologia diferentes, na possibilidade dessas pessoas ambientarem um mesmo espaço sem se sentirem inseguras. Mas, sob minha perspectiva, o sentido de afetar se torna mais adequado em meu trabalho, retratando como essa figura afeta esses animais e como esses animais afetam essa figura. Ambos afetados, as pessoas se tornando animais e a figura perdendo seu rosto.

Conclui-se que é desta forma que cada um enxerga o outro, a ponto de, na mente de cada um, transforma-lo naquilo que vê. A figura enxerga as pessoas como animais, pois essas pessoas perdem sua humanidade para a figura a partir da forma a tratam.

As pessoas/animais enxergam a figura sem rosto, pois, a partir do momento que a figura se veste diferente do que a sociedade normalmente espera que ela se vista, as pessoas/animais não conseguem mais identificar o significado daquele rosto. Nesta leitura, as pessoas/animais não são mais capazes de decodificar, conseguindo entender na figura apenas suas roupas. Mas, a partir do momento que leem as roupas, não conseguem mais ler o rosto, pois essa combinação não entra no padrão binário que aprenderam a entender.

Por mais que as pessoas/animais são baseadas em pessoas reais, elas não são o representativo de todas as pessoas, e sim destas pessoas em específico que me veem desta forma.

Portanto, esse trabalho retrata uma situação habitual minha, que acontece de forma quase constante, porém, por mais corriqueira que ela seja, ela não acontece sem exceção, logo, não significa que todas as pessoas vão sempre me enxergar daquela maneira naquele ambiente.

Este trabalho é sobre a representação dessa situação em específico, mas em si não é sempre que acontece. Por mais que se tenha uma cultura vigente, não se pode esquecer que a cultura é composta de indivíduos, e cada indivíduo tem suas particularidades.

Não trabalho com reações coletivas, trabalho com reações pessoais. Não é um experimento onde o todo tem valor de voz. Fiz recorte de pessoas e de suas reações pessoais. Cada um me vê de um jeito, naquele caso era uma situação corriqueira onde várias pessoas me viam daquele modo.

EXPOSIÇÃO

A exposição do trabalho “Afeto” ocorreu do dia 03 a 07 de dezembro de 2018, na sala 11-15 (Marcenaria) do Bloco 11, na Universidade Federal de Uberlândia.

Imagem 78: Exposição



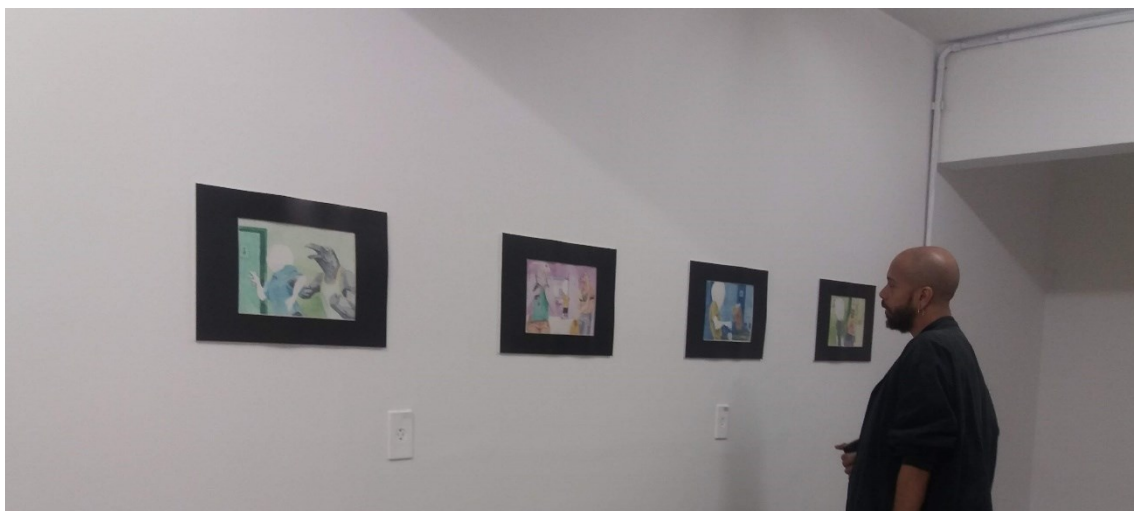
Fonte: A autora.

Imagem 79: Exposição (A autora junto ao orientador)



Fonte: A autora.

Imagem 80: Exposição



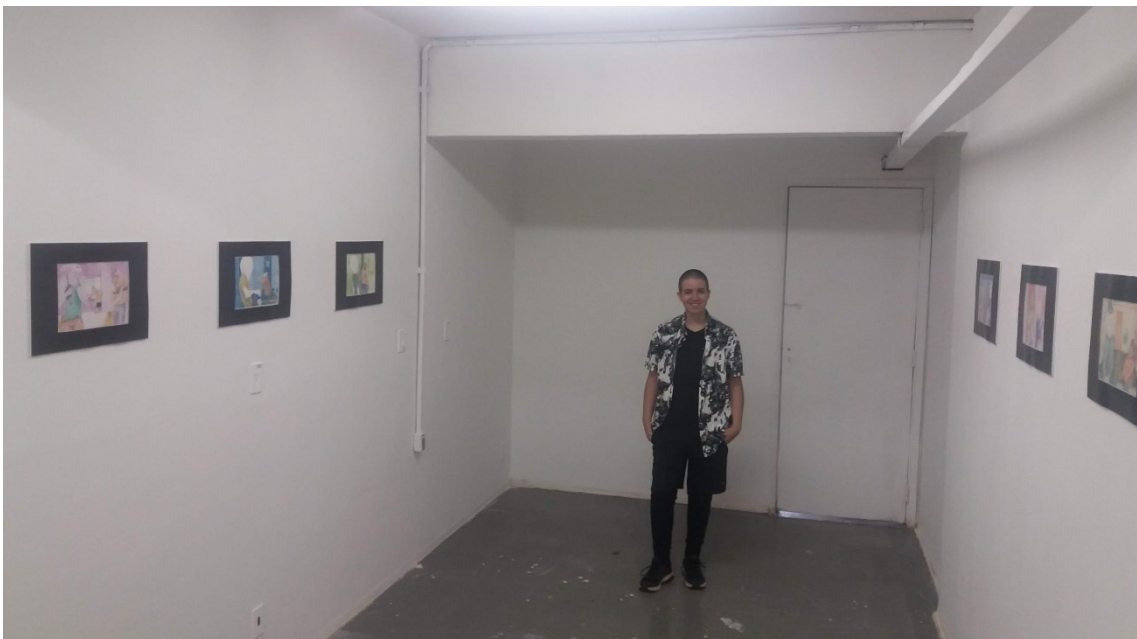
Fonte: A autora.

Imagem 81: Exposição



Fonte: A autora.

Imagem 82: Exposição



Fonte: A autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Principalmente durante a exposição fui capaz de perceber que consegui traduzir o sentimento na produção por meio das reações das pessoas. Como todos os meus outros trabalhos, este também exige um tempo de contemplação do espectador para absorver todos os elementos e traduzi-los na totalidade deste trabalho, sendo possível compreender a narrativa.

Devido à temática pessoal, a apresentação do trabalho foi uma tarefa difícil. No período no qual fiquei na “Sala de Exposição”, responder às perguntas dos expectadores foi desafiador, pois estava apresentando uma parte muito íntima da minha vida.

Porém, todo o processo de produção e exposição do trabalho, foi terapêutico, proporcionando-me momentos de confronto, aceitação e autoconhecimento.

Sinto-me satisfeita com o resultado adquirido neste trabalho, tanto na produção quanto na parte poética.

Mas, vejo que “Afeto” tem potencial para desdobramentos, principalmente porque algumas das vulnerabilidades encontradas por mim, como o bullying que sofri quando mais nova, a situação política atual e maus tratos aos animais, são temas que não desenvolvi em minha produção final. Vejo potencial para discussão e produção artística dos mesmos em trabalhos futuros.

Acredito que esses temas têm grande potencial para serem debatidos em literatura infantil. São importantes para a formação humana e oportunidade para a continuação do trabalho “Afeto”.

Muito além de aquarelas, enxergo potencial para que este trabalho possa ser desenvolvido no formato de livro infantil, e-book, com divulgação através da internet e redes sociais.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COUTINHO, Laerte. **Encontro**. 2014. Disponível em:
<http://murieltotal.zip.net/arch2014-07-13_2014-07-19.html>

COUTINHO, Laerte. **Silicone Blues 1**. 2009. Disponível em:
<http://murieltotal.zip.net/arch2009-03-01_2009-03-07.html>

FERREIRA, Cláudio Augusto. **Personagens folclóricos, deuses, fantasmas e História extraordinária de Yotsuya em Tôkaidô: o sobrenatural na cultura japonesa**. Tese USP, 2014. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-06012015-180330/pt-br.php>>

FUCHS, A. M. S.; FRANÇA, M. N.; PINHEIRO, M. S. F. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

GUERRILLA GIRLS. **As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?** 2017. Disponível em:
<<https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/59966fb6e45a7c0e1e6ceddd/5a5e418f53450a361de9441a/1539118921720/2017GuerrillaGirls-NakedMASP-Portuguese.jpg>>

GUERRILLA GIRLS. **As Vantagens de ser uma artista mulher**: 2017. Disponível em:
<<https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/59966fb6e45a7c0e1e6ceddd/5a5e4fa79140b79e6fd4fb0c/1539118921715/2017GuerrillaGirls-Advantages-PortugueseMASP.jpg>>

GUERRILLA GIRLS. **Guerrilla Girls reinventing the 'F' word: Femminism**. Disponível em: <<https://www.guerrillagirls.com>> Acesso em: Março de 2019.

GUERRILLA GIRLS. **Guerrilla Girls' definition of a hypocrite**. 1990. Disponível em:
<<https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/56df6a5e1>

bbee066a44895df/5aebace888251b1f839808d2/1525408220269/GuerillaGirls_30_1990Hypocrite.jpg>

GUERRILLA GIRLS. **If you're raped, you might as well "relax and enjoy it" because no one will believe you.** 1992. Disponível em:

<<https://static1.squarespace.com/static/55d4aaa8e4b084df273878ef/570bf5c840261d848e927b92/570bf63086db43167fa0bf72/1526507507365/1992GuerillaGirls-IfYoureRaped.jpg>>

LAERTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.

LAERTE. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>>. Acesso em: Março de 2019

LEITE, Enio. **Glossário de termos de fotografia.** 2006. Disponível em:

<<https://forum.imasters.com.br/topic/164828-gloss%C3%A1rio-da-fotografia/>>

LOUISIANA CHANNEL. **Marina Abramovic & Ulay Interview: A Living Door of the Museum.** 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=jn7m0bbk-oQ>>

MAI – Marina Abramovic Institute. **Rhythm 0.** Disponível em:

<<https://mai.art/about-mai>> Acesso em: Março de 2019.

MAI – Marina Abramovic Institute. **The Beginnings of MAI.** Disponível em:

<<https://mai.art/about-mai>> Acesso em: Março de 2019.

ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva**

ético/estético/político no trabalho acadêmico. In: Cadernos de

Subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade

Contemporânea do Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia

Clínica da PUC, São Paulo: v.1, n.2, 1993.